

António Martins Quaresma

O turismo no litoral alentejano
Do início aos anos 60 do século XX
O Exemplo de Milfontes



© Milfontes.net – Ano 2003

Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

Índice

Nota de Edição	Pág. 1
História do Turismo	Pág. 4
Fotos e ilustrações	Pág. 34

Nota de Edição

É com grande satisfação que continuamos a oferecer aos visitantes do site de Milfontes mais este livro do autor/historiador, o Dr. António Martins Quaresma.

Este texto relata com fidelidade (própria dos longos anos de apurada investigação histórica) uma fascinante realidade que até agora era desconhecida da maioria dos actuais visitantes da Vila.

É nosso desejo continuar a poder dar a conhecer mais um pedaço da nossa rica herança histórica e cultural. Muito nos apraz também poder fazê-lo aproveitando este poderoso meio que a Internet representa nos dias de hoje.

Nesta revisão, são adicionadas mais fotografias alusivas ao início e meados do século XX. São também acrescentadas e enriquecidas as notas pé de página, sempre seguindo o critério de mais informação e maior rigor histórico.

Este livro, actualizado e acrescentado regularmente, está disponível para transferência gratuita em www.milfontes.net. Não deixem de aproveitar e divulgar.

Rev. Outubro/2004



**O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes**

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

Modesta homenagem do autor a António Fortunato Simões dos Santos que, em silêncio, recentemente faleceu.¹

As primeiras menções de sabor “turístico” conhecidas, sobre a região, referem-se a Milfontes, única povoação do litoral a sul do concelho de Sines até ao século XX. Encontramo-las na literatura de viagens de inícios do século XIX, cujos relatos, imbuídos do culto romântico do pitoresco, nos legaram interessantes quadros dos locais visitados. Alguns exemplos:

George Landmann, coronel no “*Corps of Royal-Engineers*” britânico, na sua longa estada em Portugal e Espanha, deteve-se em Milfontes, que achou muito agradável (“*very neat*”). A sua formação militar não o impediu de admirar a “linda vista” (“*a very pretty view*”) que, do sítio dos Rochos Pretos, se gozava da vila e do estuário, com a serra do Cercal ao fundo. Dela fez um esboço no seu caderno de desenhos, que deu uma das estampas do livro.² Anos depois, J. Taylor (Isidore Justin Séverin, barão Taylor), no relato do seu *Tour*, referenciou as altas figueiras junto ao fosso do castelo e os floridos aloés, tão luxuriantes como os da Andaluzia, que bordejavam o estuário e os caminhos, cujos percursos tortuosos se perdiam por entre as “cercas” esmeradamente cultivadas (o termo na versão inglesa é “*gardens*”) que rodeavam a povoação. E desenhou um moinho de vento situado nos arredores, cuja cobertura de colmo lhe confere aspecto de acentuado rusticismo.³ O grande viajante Henry John George Herbert, terceiro conde de Carnarvon, ao chegar, por sua vez, a Milfontes, extasiou-se, num arroubo poético diante da visão do oceano, em dia de forte rebentação marítima. Pernoitou na estalagem da comenda da Ordem de Santiago e fez humor com as “vistas diorâmicas” que usufruía pelas fendas no tecto e nas paredes do algo decrépito edifício.⁴ Estalagem que o poeta Robert Southey, uns trinta anos antes, tinha considerado boa para esta parte de Portugal, embora a precisar de algumas obras.⁵

Estes viajantes não vinham naturalmente atraídos por quaisquer “valores turísticos” locais, no sentido que lhe daríamos hoje;⁶ eles simplesmente transitavam pela

¹ António Fortunato Simões dos Santos, engenheiro químico, de formação, arquitecto, artista plástico e coleccionador de arte antiga, por vocação, figura humana rica e multifacetada e antigo banhista e amador de Milfontes.

² GEORGE LANDMANN, *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal*, II vol. (*Military and Picturesque Observations on Portugal*), Londres, T. Cadell and W. Davies, 1818, pp. 143 e 144.

³ J. TAYLOR, *A Picturesque Tour in Spain, Portugal and along the Coast of Africa, from Tangiers to Tetuan*, Londres, 1827, pp. não numeradas.

⁴ EARL OF CARNARVON, *Portugal and Galicia, with a review of the social and political state of the Basques Provinces*, 3.^a ed., Londres, John Murray, Albermarle Street, 1848, pp. 238 e 239 (1.^a ed. 1830).

⁵ ROBERT SOUTHEY, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a visit to France Supplemented by extracts from his correspondence* (ed. Adolfo Cabral), Oxford, at the Clarendon Press, 1960, p. 59.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

estrada litoral de Lisboa ao Algarve (Lagos), que, desde 1604, o comendador de Milfontes dotara com barca e estalagem para uso dos passageiros.⁷

No princípio da centúria seguinte, o botânico Gonçalo Sampaio, que tinha família em Odemira, deixou-nos um cenário de beleza idílica, numa descrição impressionista e um pouco melancólica – sem deixar de ser precisa e bem alcançada:

“Em frente de Milfontes o Mira alarga-se consideravelmente, para formar um lindo porto sobre o qual se eleva a povoação. É esta uma terra verdadeiramente encantadora, com as suas casas pequenas e muito caiadas, com as suas ruazinhas limpas, com o seu velho castelo quase em ruínas, levantando-se abruptamente sobre o espelho claro do rio, com a sua vista para o mar, com o seu ar fresco, cheirando a algas, e com os seus brejos cercados de sebes e madressilvas. Lembro-me agora com saudade desta deliciosa e tranquila aldeia de pescadores onde passei alguns dias felizes da vida e onde, certamente, não voltarei mais.”⁸

Trata-se, especialmente no caso dos autores estrangeiros, de impressões de verdadeiros “*touristes*”, palavra que, como sinónimo de viajante, se utiliza desde 1816, e que se impôs desde 1838, com a obra de Stendhal, *Les Mémoires d’un touriste*. Eles pouco têm, porém, a ver com os “banhistas”, que durante mais de um século procuraram Milfontes, como local de vilegiatura.⁹ A bem dizer, em certa medida, turismo e vilegiatura eram conceitos opostos; enquanto o primeiro sugeria a ideia de movimento, o segundo, a de repouso. Cedo, todavia, “balnearismo” se associou a “turismo”.¹⁰ Localmente, a designação comum de “banhista”, ligada à noção primordial do “banho”, manteve-se até bem entrada a fase do turismo de massas.¹¹ Na verdade, este texto tratará

⁶ Embora um pouco na tradição do *Grand Tour* (a viagem educacional dos jovens aristocratas ingleses do século XVIII), que na verdade chegara ao fim com as guerras napoleónicas, estes viajantes, mesmo Southey que fez a sua viagem mais cedo, tinham já outras perspectivas relativamente às viagens. Estas haviam-se tornado sobretudo uma forma de evasão, embora, no caso de Landmann, a sua viagem tivesse objectivos mais precisos (Cfr. PATRIZIA BATTILANI, *Vacanze di pochi vacanze di tutti. L’evoluzione del turismo europeo*, Bologna, Società editrice Il Mulino, 2001, p. 86).

⁷ Cartas régias de 2 de Setembro de 1603 e de 31 de Agosto de 1604, publicadas por JOSÉ JUSTINO ANDRADE E SILVA, *Collecção chronologica da legislação portuguesa: 1603-1616*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1854-55, pp. 22 e 90.

⁸ GONÇALO SAMPAIO, “Flora Vasculosa de Odemira”, in *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. XXIV, Coimbra, Imprensa Nacional, 1908-09, p. 10. *Flora Vasculosa de Odemira*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1909, p. 6 (grafia actualizada, assim como as transcrições que se seguem).

⁹ O termo vilegiatura foi usado no Renascimento para designar o hábito da classe alta de se retirar para as “vilas” no campo durante os meses de Verão (J. TOWNER, *An Historical Geography of Recreation and Tourism in the Western World, 1540-1940*, Chichester-New York, Wiley, 1996, pp. 18-24, cit. in PATRIZIA BATTILANI, *op. cit.*, p. 51).

¹⁰ Cfr. *História da Vida Privada* (dir. PHILIPPE ARIÈS e GEORGE DUBY), vol. IV, Lisboa, Ed. Afrontamento, 1990, p. 231.

¹¹ A expressão “turismo de massas”, aplicada à região em apreço, pode não ser plenamente aceite, numa perspectiva purista da linguagem (cfr. GRAÇA JOAQUIM, “Turismo e Recursos Humanos: a inevitabilidade da investigação e da criatividade”, separata de *Correio do Turismo*, n.º 1, Jan.-Mar. 1998, p. 7). Ela convém perfeitamente no seu sentido corrente. Hoje fala-se já em “turismo global” (PATRIZIA BATTILANI, *op. cit.*, p. 14).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

um período que, de algum modo, melhor se dirá prototurístico, caracterizado pela dimensão elitista do fenómeno e a (quase) ausência de estrutura especializada.¹²

Naturalmente, o destino turístico do concelho haveria de ficar ligado às suas praias. Desde há muito, a população camponesa descia até ao mar nos dias 24 de Junho (nascimento de S. João) e 29 de Agosto (martírio de S. João) para banhos, em que incluíam os gados, cumprindo a velha tradição dos banhos santos.¹³ A presença dos animais acabaria por ser proibida por motivos higiénicos, já entrada a segunda metade do século XX.¹⁴ Em Milfontes, Almogrove e Zambujeira, e em toda costa entre Porto Covo e Aljezur, estes banhos têm antiga lembrança. Especialmente o “banho do 29” (que valia por nove) constituía uma prática e um ritual anualmente repetidos. Ao banho na manhã de S. João acorria, por exemplo, à Zambujeira gente de várias freguesias do concelho;¹⁵ e o “do 29” acabaria por dar origem a uma feira, que contribuiu para a formação desta povoação. Estes festivos banhos santos, de remota tradição pagã, com “músicas e danças” que se prolongavam noite fora, mantiveram-se até há bem pouco tempo.¹⁶

Mas, o hábito da frequência das praias para fins terapêuticos só se começou a divulgar aqui na primeira metade do século XIX, quando a talassoterapia se difundiu em associação com os novos conceitos naturalistas aplicados à medicina. Praia e medicina não deixariam de andar ligadas, o que se reflectiu em práticas hoje um pouco estranhas: nos anos 30 do século XX, antes da partida para a praia, os banhistas, especialmente as crianças, eram purgados através de um clister.¹⁷

Entre as estâncias balneares do Alentejo, figuravam Sines, sem dúvida a mais concorrida e de mais nome, e Vila Nova de Milfontes.¹⁸ No âmbito do País, contudo, a sua importância passava despercebida. Ramalho Ortigão, em 1876, não incluiu qualquer praia alentejana – sequer do Algarve, é verdade – no seu roteiro balnear.¹⁹ E, ainda em 1908, havia quem não encontrasse qualquer praia digna de menção entre Sines e Lagos (Luz).²⁰ Nada de estranhar: em Portugal, como lá fora, o Sul entrou tarde no grande turismo balnear.²¹ Depois, a perifericidade do litoral alentejano, a falta de transportes e a

¹² PATRIZIA BATTILANI, *op. cit.*, p. 11.

¹³ Estes banhos inscrevem-se em antigo culto da água e no imemorial e ecuménico simbolismo purificador e regenerador da imersão, que o cristianismo assimilou no baptismo (MIRCEA ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, 3.^a edição, Porto, Edições ASA, 1997, pp. 250-254). Daí, a ligação a S. João Batista de todos os ritos e lendas populares relacionadas com a água, que na região estão bem ilustrados nas tradições sobre “fontes santas” e, naturalmente, nos banhos santos. Vários autores têm estabelecido ligações entre religião e fenómeno turístico. Sobre o significado simbólico do turismo, a sua dimensão “sagrada”, *cfr.* nomeadamente NELSON H. H. GRABURN, “Tourism: The Sacred Journey”, in *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism* (ed. Valene L. Smith), 2.^a ed., Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1995, pp. 21-36.

¹⁴ *Jornal Odemirense*, ano VI, n.º 119, de 1 de Junho de 1960, pp. 2 e 3.

¹⁵ *Cfr.* *jornal Ecos da Serra* (pub. em Sabóia), n.º 1, 15 de Julho de 1925, p. 1.

¹⁶ *Jornal Odemirense*, ano VI, n.º 119, 1 de Junho de 1960, pp. 2 e 3.

¹⁷ Informação do Eng.º António Fortunato Simões dos Santos.

¹⁸ Refira-se também a praia de Monte Gordo, no sotavento algarvio, durante muito tempo concorrida de alentejanos do interior.

¹⁹ RAMALHO ORTIGÃO, *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto, Magalhães e Moniz, 1876.

²⁰ ANTÓNIO ARROIO, “Praias e estações thermaes. Portugal, estação de Inverno”, in *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908, pp. 101-145.

²¹ MARC BOYER, *L' invention du tourisme*, Paris, Gallimard, 1996, pp. 86 e 87.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

escassa população do *hinterland*²² restringiam as praias do concelho de Odemira a uma clientela limitada e sobretudo local.

Aos banhos salgados, afluíam inicialmente algumas pessoas de posses, para tratar de seus males de saúde.²³ Em breve, porém, a praia tornou-se local de encontro das elites do concelho, ultrapassando a simples procura profilática e terapêutica.

As primeiras notícias explícitas sobre banhistas em Milfontes são ainda da primeira metade do século XIX, pouco depois de dominada a guerrilha miguelista que no Sul do País fez arrastar a guerra civil até ao início da década de 40. De certa maneira, o balnearismo é aqui um fenómeno do liberalismo. Não significa que aos banhos salgados não tenha havido afluência anterior, mas se isso aconteceu, a sua diminuta expressão não deixou vestígios na documentação consultada. Em Maio de 1846, o administrador do concelho do Cercal oficiava a respectiva câmara para que houvesse um talho de carne todos os sábados em Milfontes, não só para abastecimento do povo, como das embarcações que frequentavam o porto e das famílias que para aqui vinham tomar banhos.²⁴ Uma notícia um pouco anterior, de 1839, dá conta de que o secretário da câmara de Odemira pedia licença por um mês (Outubro) para banhos salinos, mas não diz para onde vai.²⁵ Por volta dos anos 60 e 70 vinham vários notáveis de Odemira. Por exemplo: o juiz de Odemira, José Cordeiro Galão, que, em 1862, aqui fez casa na Praça, ocupando e restringindo, mesmo, parte deste espaço, e demolindo o velho pelourinho;²⁶ José Rodrigues Furtado Nobre, homem do governo municipal; e João António de Carvalho, escrivão da câmara.²⁷

Nos finais de oitocentos, à pequena vila de agricultores-pescadores,²⁸ já então freguesia de Odemira, dirigia-se o sector preeminente da sociedade da sede concelhia e, em menor número, de outros lugares mais distantes. Não as pudemos contar, mas pouco mais decerto de uma dúzia de famílias, apesar de tudo um número de pessoas suficiente para “colorir” a paisagem humana local. A margem sul (praia das Furnas) era especialmente procurada há cem anos atrás, possivelmente por ser mais recatada e oceânica e, naturalmente, por apresentar mais cómoda e segura morfologia. Era, porém, algo desabrigada face à nortada e mais susceptível de ser atingida por nevoeiros.

Em Junho de 1897, a câmara municipal, que, alguns anos depois da extinção da comenda da Ordem de Santiago, passou a superintender o serviço da passagem do rio,²⁹

²² Na segunda metade do século XIX e primeira do XX, a população conheceria, apesar de tudo, assinalável crescimento.

²³ Refira-se, a propósito, a antiga prática dos banhos curativos, em que as caldas de Monchique tinham fama.

²⁴ Arquivo Histórico Municipal de Odemira, *Concelho do Cercal, vereações*, CB 1/ 2, f.153. A partir de 1836, a sede do concelho de Milfontes passara para o Cercal, onde se manteve até 1855, ano em que o concelho foi extinto e integrado no de Odemira.

²⁵ *Idem*, Livro de sessões da câmara, AB 1/ 4, f. 106.

²⁶ Arquivo Histórico da Junta de Freguesia de Milfontes, *Livro das sessões da Junta de Parochia*, termo de abertura 3 de Janeiro de 1837, fs. 65v.º e 66.

²⁷ AHMO, *ibidem*, AB 1/ 10, f. 93v.º

²⁸ Milfontes era a terra dos três bês: brejo, bote e burro.

²⁹ A barca da passagem pertenceu à comenda da Ordem de Santiago entre 1604 e 1834. Extintas as ordens militares pelo Estado liberal, e após um período de indefinição, o serviço passou a competência da câmara que periodicamente o entregava, em praça, a um barqueiro.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

decidiu que os banhistas que iam à praia do sul (Furnas) podiam fazer a travessia do rio em qualquer bote, entre o primeiro de Julho e o último de Outubro, até às 11 horas da manhã (hora limite do regresso a casa), sem obrigatoriedade de recorrerem à barca da passagem, regra que se manteve explícita em sucessivas regulamentações. O direito de exclusividade do arrematante da barca da passagem do rio, garantido no respectivo regulamento de funcionamento, era assim suspenso em proveito dos banhistas, representados por familiares no órgão do poder municipal.³⁰ Quem, por vezes, não estava para reconhecer privilégios era a autoridade marítima: em 1893, o recentemente empossado delegado marítimo (a delegação foi criada em 1892) exigia, em conformidade com a lei, o pagamento de uma taxa por barraca montada na praia. Um banhista recusava-se a pagar com a alegação de que a sua barraca não era barraca, era um biombo, de que resultou ter sido autuado, correndo o processo na capitania de Setúbal.³¹

A época balnear prolongava-se Outono fora, até fins de Outubro, como acontecia no resto do País. Até porque, verdadeiramente, alguns dos “cavalheiros”, proprietários rurais, só depois de meados de Agosto, trabalhos concluídos, rendas recebidas (se não todas, parte delas), estavam completamente livres. Para quem tinha casa na praia, a solução muitas vezes era mandar a família adiante. Um jornal de Odemira, no número de 2 de Setembro de 1914, em notícia, certamente, de alguns dias antes, informava que “já começou nesta vila a debandada dos banhistas para as vizinhas praias de Vila Nova de Milfontes, Almogrove e Zambujeira”.³²

A família de Brito Camacho,³³ de Aljustrel, frequentava Milfontes. Brito Camacho escrevia, reportando-se à sua juventude, que em sua casa o trabalho das eiras durava de meados de Julho a fins de Agosto, às vezes até mais tarde, o que, neste caso, impedia a família de ir a banhos para Milfontes, “pequenina praia na foz do Mira”.³⁴ O adjectivo “pequenina” referia-se obviamente ao número de frequentadores, enfim à importância da praia no contexto geral, e não à sua extensão física.

Em 6 de Junho de 1877, em plena “Regeneração”, a câmara de Odemira, por proposta do seu presidente, José Francisco de Sousa Prado, pedia uma estação telefónica para Milfontes, atendendo à sua importância como porto e como estância de veraneio, onde afluíam “imensas pessoas do Baixo Alentejo que procuram os ares benéficos de suas praias e os banhos salinos de sua costa”.³⁵ Milfontes oferecia então aos veraneantes os serviços de uma estação postal de 3.ª classe, com correio três vezes por semana. Em breve, teria a sua estação telegráfica, aproveitando a recente instalação das linhas para o Algarve.³⁶

³⁰ AHMO, *Livro de registo de correspondência expedida*, AC 1/18, fs. 16 e 16v.º; Livro de actas das sessões da câmara, AB 1/43, f. 188v.º (sessão de 2 de Junho de 1920).

³¹ *Jornal A Voz de Odemira*, n.º 3, 6 de Novembro de 1893, p. 1.

³² *Ecos do Mira*, n.º 55, 2 de Setembro de 1914, p. 1.

³³ Que ficou ligado à institucionalização do turismo em Portugal, em 1911, como ministro do Fomento do governo provisório (aliás, era sócio fundador da Sociedade Propaganda de Portugal). *Cfr.* PAULO PINA, “Sociedade Propaganda de Portugal. O Papel da Imprensa no Arranque do Turismo Português em 1906”, in *Turismo* (ed. da D.G.T.), n.º 9-11, Outubro-Dezembro de 1989, p. 8.

³⁴ BRITO CAMACHO, *Gente Rustica*, 2.ª edição, Lisboa, Livraria Editora Guimarães e C.ª, s/d (prefácio datado de 1927), p. 140.

³⁵ AHMO, Livro de registo da correspondência expedida, AC 1/12, 6 Junho 1887.

³⁶ *Idem*, Actas das sessões da Câmara, AB 1/13, f. 26; *Registo de correspondência expedida*, AC 1 / 10, fs. 157 e 158.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

O semanário *O Odemirense*, órgão do partido republicano local, noticiava, em 24 de Outubro de 1897, que “Neste momento Odemira está ainda quase deserta, encontrando-se a maior parte das principais famílias veraneando por diferentes praias, sendo a maior concorrência em Milfontes e no Almogrove.”³⁷ E citava alguns nomes “ilustres”, “respeitabilíssimos” e “digníssimos” de proprietários, de um médico e do secretário da administração do concelho, que veraneavam em Milfontes, acrescentando um significativo mas algo exagerado “etc., etc., etc.” No dia 21 de Novembro, a estação já tinha terminado e o mesmo periódico assinalava o regresso a Odemira dos últimos banhistas, a saber os senhores Beles (António José Gonçalves Correia Beles) e esposa D. Maria Engrácia, José Júlio Brito Paes Falcão e família, João e António Serrão do Vale e respectivas famílias.³⁸

Acrescente-se que a economia odemirense, baseada na produção agrícola (cereais) e silvícola (cortiça), tinha, na viragem do século, uma componente industrial (indústrias corticeira e moageira) e comercial (exportação por via marítima da produção agrícola, das cortiças e de combustíveis vegetais), a que correspondia socialmente uma burguesia firmada nessas componentes.³⁹ Naturalmente, a terra era a base da riqueza, e mesmo a componente industrial e comercial estava em geral nas mãos de proprietários fundiários. Alguns deles sustentavam reminiscências sociais de aristocracia terratenente, vindas do *Antigo Regime*.

As principais famílias possuíam casa própria em Milfontes com vistas privilegiadas sobre o estuário. Nos esporões rochosos a deitar para o rio dos Sousa Prado (a “retirada”),⁴⁰ dos citados Serrão do Vale e Beles, e, depois, de César Carvalho de Miranda,⁴¹ a que podemos também acrescentar a de D. Maria Engrácia Guerreiro, um pouco menos debruçada sobre o rio. Junto ao antigo porto da barca da passagem (praia da Ti’ Constança), a casa de D. Augusta Morgado, de Aljustrel. A poente da vila, também com vistas para o estuário, três casas: de Joaquim da Silva Brito Paes, José Júlio de Brito Paes e António Eduardo Nobre Falcão. Todas edificadas por finais do século XIX e primeiras décadas do XX. Mais tarde, foram construídas as casas do Dr. João Botelho, a partir de um pequeno *monte* pré-existente, próximo da praia da Franquia, a casa de Norberto Lança, junto ao córrego da Eira da Pedra, também nas

³⁷ Naturalmente, quando o articulista diz que Odemira estava “deserta” referia-se às famílias principais. O povo não vinha à praia, a não ser excepcionalmente.

³⁸ Jornal *O Odemirense*, n.º 1, de 24 de Outubro de 1897, p. 4, e n.º 5, de 21 de Novembro de 1897, p. 3. Os frequentadores não se reduziam, naturalmente, a estas famílias. Por esta altura, José Joaquim Águas, de S. Luís (originário de Monchique), passou a frequentar Milfontes, e não mais deixaria, ele e os descendentes, de o fazer (informação do Arq.º Luís Soveral Varella).

³⁹ A exploração mineira que então se fazia estava na mão de estrangeiros.

⁴⁰ Seria, depois, casa de morada do deputado António Mantas e sua mulher Aurora Prado.

⁴¹ De Odemira, oriundo de família do Barreiro. Industrial de moagem e descasque de arroz, foi presidente da câmara nos anos 30. Ele iniciou a construção da sua casa em Milfontes, perto do castelo, em 1922, ficando concluída em 1926. Do traço de um seu irmão, Eng. Álvaro Miranda, foi edificada pelo mestre José Lourenço, que habitualmente fazia as obras de César Miranda. É notável a existência de alguns pormenores semelhantes à fábrica de moagem e descasque de arroz de Odemira. Esta casa foi, durante muito tempo, pólo de convívio de banhistas do círculo de César Miranda, em animadas festas onde não faltava um piano e, mais tarde, uma grafonola, pontualmente terminadas à meia-noite pelo dono da casa, a toque de campainha (informação prestada pela Dr.ª Maria Augusta dos Santos Marreiros Alves).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

proximidades da mesma praia, e, mais afastada, a de Rui Manuel da Silveira Ribeiro de Menezes, na ponta da Vigia, perto do Canal, sobre a arriba oceânica.⁴²

Os banhistas que alugavam casa montavam geralmente uma “logística”, em que tudo o necessário, da roupa de cama e apetrechos de cozinha às criadas de servir, era transportado para a casa de férias. Entre estes, os “campaniços”, lavradores da zona do Campo Branco, que mandavam à frente carro puxado a muares, com lenha, colchões, comida, etc.; depois chegavam eles, de carro de toldo.⁴³ Em geral, muitos destes, limitados pelo calendário agrícola, vinham só em Setembro. Consigo traziam também a fartura dos montes, os aromas das cozinhas e das despensas, a queijo de ovelha curado e a outras iguarias, que enchiam o olfacto pouco habituado dos naturais.⁴⁴ Dizia-se que, nos maus anos agrícolas, não havia lavradores doentes, a precisar de praia; só nos bons anos, quando o rendimento da terra permitia maior desafogo económico, regra que, naturalmente, não se aplicava às famílias mais abastadas.

Claro que, para além de uma afluência mais “urbana”, havia e continuaria a haver outra mais “rústica”, mesmo que constituída por lavradores de algumas posses. Alguns dos banhistas eventuais, menos “finos”, ceroulas ou combinações a servirem de fatos de banho, preferiam sítios escondidos no rio (nas Conchinhas) ou na face oceânica (na enseada do Canal), onde “acampavam” com os seus carros de toldo ou faziam abrigos provisórios. Claramente rústica era a maioria da clientela do famoso “banho do 29”.

Entretanto, a praia deixara de ser, definitivamente, apenas profilaxia e terapia. Aliás, desde cedo a dimensão recreativa envolveu a estada nos locais de vilegiatura. Em 24 de Julho de 1915, o jornal *Ecos do Mira* informava que Milfontes se preparava para “melhor e o mais condignamente, receber os seus hóspedes banhistas que costumam a vir veraneiar a esta muito aprazível praia.”⁴⁵ Nesse Verão, as noites foram animadas pela Companhia Dramática Correia,⁴⁶ que montou barraca no Passeio (Barbacã), onde levou à cena diversas peças: a 8 de Agosto, por exemplo, representou *A Filha do Saltimbanco*, drama em quatro actos, que muito agradou. Um sexteto musical do Cercal, dirigido pelo “muito hábil amador” Querubim Silvestre, também actuou regularmente. Outras “estrelas” locais brilhavam no Verão milfontense: no dia 15 de Agosto, além do drama em três actos *Homens do Mar* e da comédia em um acto *A Herança de um Tio*, a cargo da citada companhia, a “distinta amadora Felicidade” entoou algumas canções, uma delas intitulada *A banhista*, com agrado geral. Por esses dias, os banhistas continuavam

⁴² Outros banhistas tinham casa própria. Por exemplo: Manuel Baptista Brás, no Rossio, Dr. Arménio França e Silva, na Rua Manuel Gouveia (antiga Rua do Norte), Francisco Ferreira Gândara, na Estrada Nova (Rua Brás Pacheco), Dr. Cruz Sobral, na Rua dos Aviadores, e José Custódio Francisco (lavrador de Vale Figueira), na Rua Gago Coutinho. Já nos anos 60, vários outros adquiriram casa, como o Eng. António Fortunato Simões dos Santos que comprou o edifício da antiga estalagem da Ordem de Santiago, o restaurou e dele fez casa de férias.

⁴³ Agradeço a rememoração a Florentino Francisco Pereira e a José Miguel Nunes Gonçalves. Os “campaniços” vinham dos lados de Garvão, Aljustrel, Messejana.

⁴⁴ Impressões de José Miguel Nunes Gonçalves, vizinho de uma dessas famílias de veraneantes.

⁴⁵ Jornal *Ecos do Mira*, n.º 74, de 24 de Julho de 1915, p. 3.

⁴⁶ A companhia do actor Correia costumava ainda ir fazer o fim de estação a Sines, onde, além do teatro e dos bailes na Sociedade Recreativa, um animatógrafo desmontável (o *Salão Pathé Aljustrelense*) passava cinema (jornal *A Folha de Sines*, n.º 4, de 15 de Agosto de 1919; n.º 5, de 1 de Setembro de 1919; e n.º 11, de 1 de Dezembro de 1919).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

a chegar: de Odemira, o jornal, na sua “Carteira elegante” ou através de correio do correspondente, noticiava a chegada de Jacinto de Brito Pais Falcão e família, e as famílias de António dos Santos Silva e Adelino Lopes do Rego, e de Lisboa a família de António Mantas, deputado da nação. Outros vieram um pouco mais tarde, em Setembro: Dr. Francisco Falcão da Silva Ribeiro, César Carvalho de Miranda, José Domingos da Silva Júnior e o Dr. Pedro Bernardo de Miranda, com as famílias. Para Zambujeira há notícia de, nesse ano de 1915, terem ido, José Fernandes de Azevedo e Francisco José Nobre Ribeiro, e, para Almogrove, Joaquim Augusto Salgado e Daniel Camacho.⁴⁷ Adelino de Oliveira, de S. Luís, ex-alfaiate dedicado à lavoura, que no ano anterior deixara a actividade e se fixara em Milfontes, aqui passou pela primeira vez a época balnear, e surpreendia-se com a concorrência de “muitas pessoas de vulto na sociedade”. Em sua opinião, as potencialidades desta praia não eram, porém, plenamente aproveitadas, por falta de melhores vias de comunicação. E comparava, neste ponto, com Sines, onde morara, efectivamente mais bem servida de comunicações.⁴⁸

Para além dos espectáculos, os banhistas organizavam, no dia-a-dia, os seus próprios divertimentos, que incluíam passeios pelo campo, pela praia e pelo rio de barco a remos e “*motogodille*”. Actividades de cunho desportivo, como regatas no rio, também podiam ocorrer: a promoção da cultura física, da vida saudável teve grande difusão no início do século XX, nomeadamente através dos jornais.⁴⁹

Entretanto, a vida continuava: no mesmo número do jornal, noticiava-se a entrada no porto dos iates *Gomesianes da Graça*⁵⁰ e *Rio Mira*, um deles com adubo para a agricultura e carga da praça de Lisboa, e a saída dos iates *Novo Viajante* e *Estrela de Odemira*, com carregamento de cortiça para Lisboa. Também saíra um vapor da firma Miranda e Filhos, de Odemira, levando a bordo três pescadores, que, constava, iam a Peniche buscar uma embarcação e redes para uma nova armação de pesca, que haveria de suscitar viva oposição dos pescadores de Sines, por suspeitarem estarem a chegar a esta costa processos de pesca com “*traineira*”, nocivos para as espécies e seus habitats. E mencionava-se o desânimo que reinava entre os lavradores devido à escassez da colheita agrícola, em que apenas as melancias pareciam abundar, prenunciadora de um ano de fome.⁵¹

Nesses anos e nos seguintes, agravados pela guerra, o problema das subsistências, a carestia e a escassez dos produtos de primeira necessidade, desde os alimentos aos combustíveis, bem como a falta de trabalho afligiam a população, particularmente os assalariados. A câmara municipal chegou a tomar medidas para

⁴⁷ *Ecos do Mira*, n.º 78, de 25 de Agosto de 1915, p. 3; n.º 79, de 1 de Setembro de 1915, p. 1; n.º 80, de 8 de Setembro de 1915, p. 1; n.º 81, de 15 de Setembro de 1915, p. 1; n.º 82, de 22 de Setembro de 1915, p. 1.

⁴⁸ AHJFM, *Livro Negro e de Ephemerides de Adelino d' Oliveira*, p. 44.

⁴⁹ Cfr. RUI RAMOS, *A Segunda Fundação (1890 – 1926)*, 6.º vol. da *História de Portugal*, dir. JOSÉ MATOSO, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 304.

⁵⁰ Este navio seria afundado, ao largo de Sines, por um submarino alemão, dois anos depois, quando seguia carregado de trigo para Lisboa (Portugal entrara na guerra em 1916).

⁵¹ *Ecos do Mira*, números 77 de 18 de Agosto de 1915, p. 3, e 78 de 25 de Agosto de 1915, p. 3. As companhias dramáticas profissionais representavam também no interior: em Sabóia, servida por estação ferroviária, esteve em Agosto do mesmo ano de 1915 a companhia Aureliano Serrat e Filhos.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

evitar a saída de vários produtos, especialmente trigos, para fora do concelho.⁵² A jovem República conheceria nos campos de Odemira, nesses anos de crise, forte agitação social,⁵³ embora à pequena vila de Milfontes, de pescadores/marinheiros, pequenos proprietários e foreiros/rendeiros, disso apenas chegassem ecos mais ou menos distantes. De facto, em Milfontes, o modo de vida anfíbio de boa parte da sua população e a possibilidade de emprego nos barcos de cabotagem permitiam uma vida que, não deixando de ser medíocre, mesmo pobre, e sofrendo também com a crise, escapava em parte à dura miséria que assolava periodicamente o interior. No meio de tudo isto, as elites não deixavam de frequentar os banhos.

Refira-se, ainda a propósito de entretenimento, que a “sociedade” local, constituída por alguns comerciantes e proprietários, fundou em começos dos anos 20, a Sociedade União Recreativa Milfontense, numa época em que proliferava este tipo de associações, onde se realizavam bailes (deixou lembrança o “baile da pinha”),⁵⁴ se jogava e se convivia.⁵⁵

A população, toda ela, aproveitava certas épocas festivas para se divertir: o Santo António e o S. João, com as suas fogueiras e mastros, eram uma época privilegiada; no 1.º de Maio, faziam-se passeios e regatas de botes à vela; no Entrudo, havia máscaras, brincadeiras e “enterro do Entrudo”.⁵⁶ E se as festas religiosas, nomeadamente a da padroeira, no Verão, também haviam conhecido melhores dias, elas não se deixaram de se fazer.

A animação e o “mundanismo” de Milfontes não eram seguidos por Zambujeira e Almogrove, então minúsculos lugarejos. Almogrove, em 1911, tinha sete fogos e uma população de 20 pessoas. Zambujeira do Mar, pouco mais: 11 fogos, onde viviam 51 pessoas. Em Milfontes, só na sede de freguesia, havia 117 fogos, com 481 pessoas.⁵⁷

Com a República, o turismo passou a ter em Portugal expressão institucional, na sequência da realização do IV Congresso Internacional de Turismo. Em 1911, foi criada a Repartição do Turismo, integrada inicialmente no Ministério do Fomento e, em 1921, saiu legislação a enquadrar “as estâncias hidrológicas, praias, estâncias climatéricas, de altitude, repouso e turismo” num sistema orgânico, baseado em “comissões de iniciativa” locais, tuteladas directamente pelo administrador do concelho. As comissões

⁵² AHMO, Livros de actas de sessões da câmara, AB 1/42, AB 1/43, *passim*.

⁵³ FRANCISCO CANAIS ROCHA & MARIA ROSALINA LABAREDDAS, *Os Trabalhadores Rurais do Alentejo e o Sidonismo. Ocupações de Terras no Vale de Santiago*, Lisboa, Edições Um de Outubro, 1982.

⁵⁴ Informação do Sr. António Aroeira, “Tónica do Monte” (nascido em 1911 e falecido em 2000).

⁵⁵ A Sociedade entraria em decadência nos anos 60 e fecharia as portas no final dessa década. Os principais animadores dos bailes da Sociedade eram acordeonistas algarvios, um dos quais Francisco Cândido Vieira (Xico Algarvio), mas havia também animadores locais como Victor Vicente Silva, comerciante, que tocava bandolim, seus filhos Jorge e António Augusto Almeida e Silva, Luís Moura e seu filho Júlio da Silva Moura, também especialistas em instrumentos de cordas, e Joaquim Fernandes “Padeiro”, que tocava gaita-de-beiços. Chegou mesmo a constituir-se, nos anos 50, um conjunto instrumental, de que faziam parte, para além de alguns dos nomes antes citados, António Amador, Henrique Raminhos, José da Silva Bernardo, António Luís José Gonçalves, Augusto Violinha, António Jorge e Joaquim de Sousa.

⁵⁶ Reminiscências de antigas religiões pagãs (*cf.*, entre outros, MIRCEA ELIADE, *op. cit.*).

⁵⁷ *Censo da População de Portugal no 1.º de Dezembro de 1911 (5.º Recenseamento Geral da População)* Parte VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1917, pp. 48 e 50.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

tinham como objectivo “o desenvolvimento das estâncias, de forma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortável, higiénico e agradável, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a aumentar a sua frequência e a fomentar a indústria de turismo”. A lei previa a cobrança aos utentes de uma taxa de turismo.⁵⁸ Em 1923, foi publicada, em decreto, a classificação das estâncias abrangidas: no concelho de Odemira, apareceram catalogadas como “praias” Vila Nova de Milfontes, Almogrove e Zambujeira.⁵⁹ O impacto desta legislação nas modestas praias do concelho parece ter sido insignificante, como em geral o foi no resto do País.⁶⁰ Em 1926, a classificação das praias para efeito de cobrança de taxas para armar barracas e toldos ordenava-as em três categorias, cabendo às praias do concelho a classificação de 3.^a (bem como à de Sines).⁶¹

As praias do litoral alentejano haviam começado a ter visibilidade – reduzida, é verdade – no panorama nacional. Em 1918, a Sociedade Propaganda de Portugal, organização criada com a finalidade da promoção turística, em publicação destinada ao “uso de banhistas e turistas”, já citava no concelho de Odemira as praias de Milfontes, Almogrove e Zambujeira, destacando naturalmente a primeira, citação que esteve na origem da sua referida classificação oficial. Segundo esta publicação, eram frequentadas sobretudo de “povos das imediações, cujas necessidades de vida lhes não permitem a deslocação para praias de outra ordem”. Os veraneantes sem casa própria alojavam-se em companhia de familiares e pessoas das suas relações, ou em casas e quartos de aluguer. Hospedarias registadas então em Milfontes: a de António de Moura e a de José Augusto da Silva,⁶² não mais de meia dúzia de quartos. Sines, muito mais concorrida, oferecia então ao banhista, nomeadamente, “belos estabelecimentos, quer para banhos frios, quer para quentes, quer para simples banhos de lavagem higiénica”.⁶³

O *Guia de Portugal* (de 1927, o volume dedicado ao Sul), o mais prestigiado e exaustivo guia turístico nacional, influenciado pelos *Baedekers* alemães e *Guides-Bleus* franceses, mas mais desenvolvido,⁶⁴ faz uma brevíssima referência a Zambujeira, menciona a “insignificante” praia do Almogrove e presta algumas interessantes informações sobre Milfontes. Em notas escritas por Sarmento de Beires (que poucos anos antes, com Brito Pais, daqui partira rumo a Macau no avião baptizado de “Pátria”), Milfontes, não obstante as óptimas condições balneares, o clima temperado, o ar fortemente salino, o mar muito azul, era praia “modestíssima”, frequentada apenas por famílias de Odemira. Naturalmente, Beires tomava como padrão de referência as cosmopolitas e sofisticadas estâncias lisboetas, a que, no aspecto mundano, Milfontes não podia comparar-se. Alude à existência de “raras casas de aluguer e deixando muito

⁵⁸ Lei n.º 1152, de 23 de Abril de 1921 e decreto n.º 8046, de 24 de Fevereiro de 1922. Cfr. PAULO PINA, *Portugal. O Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus, 1988, pp. 40 e segs.

⁵⁹ Decreto n.º 8714, de 14 de Março de 1923.

⁶⁰ PAULO PINA, *op. cit.*, pp. 43 e 45.

⁶¹ Decreto n.º 12822, de 1 de Novembro de 1926 (*Diário do Governo*, n.º 280, de 15 de Dezembro de 1926).

⁶² *As Nossas Praias. Indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa, Sociedade de Propaganda de Portugal, 1918, pp. 75 e 76.

⁶³ *Idem*, p. 78.

⁶⁴ *Nova História de Portugal* (dir. de Joel SERRÃO e A. H. DE OLIVEIRA MARQUES), vol. XI *Portugal da Monarquia Para a República* (coord. A. H. DE OLIVEIRA MARQUES; texto e colaboração de A. H. DE OLIVEIRA MARQUES, SACUNTALA DE MIRANDA, FERNANDA ROLLO & LUÍS NUNO RODRIGUES), Lisboa, Editorial Presença, 1991, p. 670.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

a desejar”, bem como de três “hospedarias de ínfima ordem”, pertencentes a Francisco Neves, Augusto Rebelo e Manuel Cabecinha. Para o ano de 1927, o *Anuário Comercial* refere apenas a hospedaria de Maria Sebastiana Cabecinha. O pequeno comércio local limitava-se então a três lojas de mercearias e artigos diversos.⁶⁵ Cidadino, mas conhecedor dos valores turísticos locais, Beires acrescenta que “Falta de clubes e diversões, pode-se matar o tempo pescando, caçando, remando, explorando as Furnas, barquejando no rio, estendendo os passeios sobre a areia até ao Canal, pequeno ancoradouro 2 Km ao N. da vila, e a Ponta do Ladoiro, trepando, para admirar um dos mais belos panoramas da região, à serra de S. Domingos, ou gozando da frescura da vegetação do chamado *Bosque* [...]”. E não se esquece de informar que a melhor água potável se obtinha na Bica da Areia, fonte junto ao mar, hoje desaparecida. O *Guia* aconselha ainda algumas excursões: à “populosa aldeia de S. Luís”, com referência especial ao “celebrado Pego das Pias”, “local muito pitoresco”, na ribeira do Torgal, e a S. Domingos, no dizer de Gonçalo Sampaio “soberbo pináculo com ermida no topo”, de onde “se desfruta um dos panoramas mais variados, mais belos e mais largos que tenho gozado”; a S. Teotónio, com menção à “pequena praia da Zambujeira”; e pelo pitoresco percurso do vale do rio Mira até Sabóia.⁶⁶

Ao lado, Sines, com os seus oitocentos a mil turistas por estação, era, mesmo assim, considerada pouco concorrida atendendo à sua magnificência, situação que o autor do texto atribui à falta de boas estradas, hotéis e casinos. Quanto a Porto Covo, repetindo a apreciação de outros observadores desde meados do século XIX, era reputada de “praia modesta, só frequentada por gente pobre”.⁶⁷

Em todo o caso, Milfontes chegou episodicamente a querer disputar a Sines o lugar de primeira praia, o que, na realidade, só conseguiu muito mais tarde quando o turismo siniense foi sacrificado à opção industrial. Uma certa rivalidade estava com frequência presente. Em Agosto de 1925, constou em Moura (o raio de atracção de Sines estendia-se por quase todo o Alentejo) que a praia de Sines carecia de higiene e que grassava nesta vila uma epidemia. O jornal *A Folha de Sines* desmentia e atribuía o boato a “inveja” e a “velhacaria” de praia rival, sem a identificar.⁶⁸

⁶⁵ *Anuario Commercial de Portugal – 1927* (dir. CALDEIRA PIRES), 47^a ed., vol. II, *Províncias*, Lisboa, Empreza do Anuario Commercial, 1927, p. 3026. O *Anuario* indica, como comerciantes, Henrique da Silva, João Rodrigues Bezerra e Joaquim Jerónimo Craveira, e, no sector das mercearias, Joaquim Miguel Marques, José Alão Correia de Melo e José Brissos. O comércio local, sempre um pequeno comércio, vendia sobretudo mercearias e fazendas.

⁶⁶ *Guia de Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927, pp. 184-186. Parte das descrições deve-as ao botânico Gonçalo Sampaio, que por aqui herborizou. Assinale-se que, por essa altura, também nas povoações do interior havia quem olhasse para o turismo como uma forma de alcançar o desejado progresso. Em 1928, um articulista, identificado por Orion, escrevia num jornal local que, em Santa Clara a Velha, se procurava atrair viajantes com destino a Espanha, aproveitando as paragens na estação ferroviária, e, em Sabóia, pedia-se a melhoria da ligação rodoviária com Monchique. A propósito, referindo-se a Sabóia, fazia algumas críticas e avançava curiosas propostas. Queixava-se especialmente do aspecto “antiquado” das habitações, que davam “a impressão dum aglomerado de casas em região inculta e não civilizada”, e da escassez de refeições variadas, sem hortaliças e legumes (por não haver hortejos), que obrigava os forasteiros a ingerirem os pesados alimentos, com excesso de carne e ovos, característicos do Alentejo. (*Ecos da Serra*, n.º 56, de 20 de Junho de 1928, p. 1. Agradeço esta nota a indicação da Dr.^a Rosália Valente).

⁶⁷ *Ibidem*, pp. 11 e 12.

⁶⁸ *A Folha de Sines*, n.º 22, de 15 de Agosto de 1925, p. 1, e n.º 23, de 25 de Agosto de 1925, pp. 1 e 2. A diatribe poderia, porém, dirigir-se a outra praia, como, por exemplo, Monte Gordo, onde afluíam muitos

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

À Zambujeira continuava a afluir gente do interior, não muita evidentemente, em especial de S. Teotónio, Sabóia, Santa Clara, Ourique e Garvão. Em termos concelhios, a área de atracção desta praia era naturalmente a parte sul. Nas décadas de 20 e 30 do século passado, o lavrador da herdade do Totenique (Sabóia) costumava levar a família a banhos por 15 dias, pela altura do “29 de Agosto”, combinando o período de férias na praia com a tradição dos banhos santos. Aparelhava dois carros de parelha, com muares, e dois puxados por bois, e partia às duas horas da manhã para a Zambujeira, onde chegava ao sol-posto, depois de um nem sempre fácil percurso sobre os velhos caminhos rurais. Particularmente difícil era a íngreme subida da margem do barranco de S. Teotónio, junto a esta povoação. Um dos carros de parelha, protegido por toldo formado por mantas caseiras, levava as pessoas (pai e mãe, cinco filhos e criada); o outro transportava mantimentos e tudo o mais necessário para os 15 dias de permanência. Os carros de bois levavam as forragens para alimentar os animais. Na Zambujeira, alugavam uma pequena casa, onde passavam, apertados, a quinzena.⁶⁹ Também havia quem lá comprasse casa. Em 1935, um banhista de S. Teotónio comprou uma moradia, com quatro divisões, chão de terra e tecto forrado com cana, por uma quantia que se situou entre os três contos e quinhentos e os quatro contos de réis.⁷⁰

Para o Almogrove iam, por exemplo, a família Santos Silva, de Odemira, que lá tinha casa, e a família Sabino.⁷¹ Também para Odeceixe, cujo areal ficava a maior parte no concelho de Odemira, ia gente do concelho, como, em 1932, Augusto Serrão.

Durante as décadas de 30 a 50, o Estado Novo instalara-se em Portugal. A orgânica turística republicana sofreu alteração: localmente, foram extintas as Comissões de Iniciativa e Turismo, substituídas por Comissões Municipais e Juntas de Turismo, subordinadas às câmaras municipais. A (in)eficácia é que não mudou.⁷² Em 1944, o Secretariado de Propaganda Nacional, já então com a tutela do turismo, converte-se, pela mão de António Ferro, em Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI).⁷³ E se o *regime* tinha algum impacto na vida local, nada praticamente influenciava o balnearismo, fenómeno lento, mais ligado a transformações profundas da sociedade do que a políticas governamentais (exceptuando, de certo modo, o turismo social).

Uma das últimas comissões “de iniciativa” de Milfontes foi constituída em 1932 e compunham-na os médicos Domingos Urzal (curiosamente, um frequentador da Zambujeira)⁷⁴ e Fernando Santos Agudo, José Maria Paes Falcão, proprietário, e

alentejanos do interior (cfr. JOSÉ DIAS SANCHO, *Deus Pan, Contos Rústicos e Paisagens*, Porto, A “Renascença Portuguesa”, 1925, capítulo “O Banho dos Alentejanos”, pp. 125-135).

⁶⁹ Tratava-se do lavrador José Bernardo Nobre (informação prestada por seu filho Francisco Bernardo Afonso, de 84 anos, nascido em 1917).

⁷⁰ Informação prestada por D. Silvéria Gaspar de Oliveira Guerreiro.

⁷¹ Informação prestada pelo Eng. José Maria Simões dos Santos.

⁷² PAULO PINA, *op. cit.*, p. 45.

⁷³ Registe-se que uma das suas criações – a rede de *pousadas* – teve concretização no concelho de Odemira. Trata-se da Pousada de Santa Clara, construída já perto do fim do regime, em 1971, aproveitando as condições da albufeira da barragem no rio Mira. Foi explorada por concessionários, sendo hoje da ENATUR. Em Santiago do Cacém tinha sido aberta uma pousada em 1945.

⁷⁴ Nos anos 30 frequentavam a Zambujeira o causídico Dr. Francisco José Nobre Ribeiro e o tenente José Maria Freire. Outras famílias que iam para a Zambujeira: Amaro Figueira, Matos Guerreiro Simões, Nobre de Matos, da Fataca, Prado Flecha Rodrigues, Lopes, de Relíquias, Gonçalves, do Vale Palhete

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Augusto Albano de Oliveira, delegado marítimo (aqui chamado “capitão do porto”).⁷⁵ Apesar do ar institucional da comissão, assinale-se que Domingos Urzal era o presidente da comissão concelhia de Odemira da União Nacional.⁷⁶ Estava-se então em plena euforia dos novos melhoramentos, pedidos pelas autoridades locais, por vezes através dos canais internos da própria União Nacional,⁷⁷ a que o governo, no contexto de uma política activa de obras públicas no plano das infra-estruturas, deu alguma resposta. Todas as obras eram inseridas na propaganda ao Estado Novo, mesmo aquelas em que o governo apenas contribuíra com um subsídio, como a construção do lavadouro público no Córrego da Eira da Pedra, inaugurado, em 1932, na presença do presidente da câmara e do representante da U.N., entre outras individualidades.⁷⁸

Entretanto, as praias do concelho, mesmo Milfontes, continuaram a ser usadas sobretudo por uma clientela local, particularmente da sede concelhia. E os transportes terrestres persistiam em servir mal a região. O caminho-de-ferro, concluído ainda no século XIX, passava longe, e tinham saído frustradas as intenções de lançar uma via-férrea entre Sines e Lagos com passagem por Milfontes. Concretizado foi um ramal entre Ermidas e Sines, aberto em 1936.⁷⁹ As estradas, tradicionalmente um dos problemas regionais, também não ajudavam, mesmo quando o automóvel se tornou importante meio de transporte.⁸⁰ Milfontes, completamente centrifugada, tornara-se mais do que nunca uma povoação no fim do ramal, onde se ia apenas intencionalmente.⁸¹ O que, na verdade, sucedia muito mais acentuadamente com as restantes praias do concelho.⁸²

O mapa das estradas da *Vacuum Oil Company*, edição de 1915, mostra um litoral ao sul de Sines completamente desprovido de vias para automóveis, e assim continuaria

(Odemira), Varela, de Lagoa, etc. (agradeço as informações ao Eng. José Maria Simões dos Santos e ao Arq.º Luís Soveral Varela).

⁷⁵ *A Voz do Mira*, n.º 1, de 30 de Agosto de 1932, p. 4.

⁷⁶ Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *União Nacional, Secretaria Geral, correspondência com Odemira*, UN 15-A, doc. n.º 218 (agradeço a indicação a João Madeira).

⁷⁷ *Idem, ibidem*, doc. 81.

⁷⁸ AHJFM, Livro de actas das sessões da Junta de Paróquia, iniciado em 5 de Janeiro de 1919, fs.52, 53-54v.º

⁷⁹ Cfr. A. DE VILHENA, *Ramal de Sines ou linha férrea de Ermidas-Sado a Santiago de Cacém e Sines. Subsídios para a História da sua Construção*, Lisboa, 1937.

⁸⁰ Curiosamente, o primeiro automóvel entrado em Portugal, em 1895, um Panhard et Levassor, veio para bem próximo, Santiago do Cacém. E, em Sines, na tarde do dia 1 de Novembro de 1905, perante muito povo, música e foguetes, à chegada do primeiro “automóvel oficial”, este atropelou mortalmente Joaquim Martins Gago, criado de servir, de 61 anos de idade feitos nesse dia (AHJFM, *Livro Negro e de Ephemerides de Adelino d’ Oliveira*, p. 13).

⁸¹ Que só deixaria de ser com a construção da ponte sobre o Mira, aberta ao trânsito em 1978.

⁸² O isolamento da charneca litoral está bem patente num episódio relacionado com o farol do cabo Sardão (inaugurado em 1915). O edifício foi construído ao contrário, isto é, o empreiteiro inverteu o projecto 180 graus, ficando assim a torre na face do edifício voltada à terra, e a fachada de recepção virada ao mar, o que não originou problemas técnicos pois a torre sobrepuja o telhado do corpo a que está adossada. O caso ter-se-á devido naturalmente a confusão na interpretação do projecto por parte do empreiteiro, para quem o “alçado principal” só podia ficar voltado para a estrada, portanto para terra, e não para o mar, para a barroca (para ele, as traseiras). Este facto revela dificuldade de comunicação entre o construtor e os engenheiros da Marinha; mas não deixa também de estar relacionado com a distância e a solidão desta costa, longe das inspeções dos responsáveis (A[NTÓNIO] M[ARTINS] Q[UARESMA], “O Farol do Cabo Sardão”, in *Boletim Municipal de Odemira*, Ano VIII, n.º 68, Fevereiro de 1989, pp. 4 e 5).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

por mais uns anos. A velha “estrada real” que ligava Lisboa a Lagos, cruzando o Mira em Milfontes, onde havia barca e estalagem, tinha-se tornado completamente obsoleta, especialmente por incapaz para trânsito automóvel. Em 1920, o ministro do Comércio prometia mandar proceder ao estudo para uma estrada entre Sines e Milfontes,⁸³ mas dez anos depois ainda não chegava qualquer estrada a Milfontes. O mais próximo percurso norte-sul, privilegiado pela política viária do estado desde o século XIX, passava por Cercal e Odemira (E 20-1.^a, futura EN 120), com o nó rodoviário do Cercal em posição de ligação a Milfontes. Nos anos 30, em plena fase de expansão do transporte automóvel, ela recebeu consideráveis melhoramentos, nomeadamente as novas pontes do Sol-Posto, sobre a ribeira do Torgal, e de Odeceixe, sobre a ribeira de Seixe, inauguradas em 1936 com a presença do ministro Duarte Pacheco, bem como a remodelação da ponte de Odemira, sobre o Mira. Por essa altura, na continuação de antigos pedidos, as forças vivas locais procuraram pressionar o governo a construir a estrada (em macadame, evidentemente) Milfontes-Cercal, perto do traçado da antiga. Anos antes, a ideia da construção desta estrada fora criticada num jornal de Odemira, pois ela teria pouco interesse para aquela vila,⁸⁴ mas, em 1929, a câmara incluía a estrada nacional de 2.^a classe n.º 98, da Foz da Ribeira do Algalé a Vila Nova de Milfontes, numa representação dirigida ao ministro do Comércio.⁸⁵ Finalmente, em Abril de 1930, uma comissão deslocou-se a Lisboa e foi recebida pelo ministro e o presidente da Junta Autónoma das Estradas, que prometeram a construção da estrada.⁸⁶ Com efeito, as obras iniciaram-se em Outubro de 1931 e prolongaram-se até 1936.⁸⁷ Pouco depois, a junta de freguesia de Milfontes insistia no estudo da estrada S. Luís – Milfontes, outro dos pedidos antigos.⁸⁸ Para quem vinha de Odemira continuaria a compensar, ainda por mais alguns anos, utilizar barco, fosse “à boleia” num dos iates de cabotagem, fosse num bote a remos. E para Lisboa, a forma mais fácil de viajar era também ainda “à boleia” no barco que transportava mercadorias, aliás não utilizada por banhistas. A propósito, recorde-se que, em finais dos anos 30, a política de obras públicas do Estado Novo levou a cabo projectos destinados a melhorar a navegação no Mira (dragagens, edificação dos cais em estacaria de betão armado em Milfontes e Casa Branca e construção de um molhe em pedra seca na foz), obras há muito pedidas em Odemira e Milfontes pelos interessados no comércio marítimo. A inutilidade de parte delas, as que pretendiam melhorar a navegabilidade, mal planeadas e/ou mal executadas, bem cedo ficou demonstrada.⁸⁹

A estrada para o Cercal permitiu o acesso a Milfontes dos transportes rodoviários motorizados, então em forte desenvolvimento.⁹⁰ Em 1937, aproveitando a

⁸³ Jornal *Folha de Sines*, n.º 13, de 15 de Janeiro de 1920, p. 2.

⁸⁴ *Ecos do Mira*, n.º 84, de 11 de Abril de 1917.

⁸⁵ Arquivo Histórico da Junta de Freguesia de Colos, ofício da Câmara Municipal, com o n.º 19, datado de 10 de Janeiro de 1929, com cópia da representação em anexo.

⁸⁶ AHJFM, Livro de actas das sessões da Junta de Paróquia, 1919-1939, fs. 43-44, 49v.º, 55, 59 e 66v.º.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, fs. 49v.º, 55, 59 e 66v.º. *Cfr.* jornal *O Idealista*, n.º 7, de 7 de Junho de 1931, p. 1, e n.º 9, de 5 de Julho de 1931, p. 1.

⁸⁸ *Idem*, Livro de actas das sessões da Junta de Paróquia, 1919-1939, f. 69.

⁸⁹ ANTÓNIO MARTINS QUARESMA, *Vila Nova de Milfontes. História*, Ed. Junta de Freguesia de Milfontes, 2003, pp. 116-127.

⁹⁰ Antes, só episodicamente apareciam em Milfontes viaturas automóveis.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

ligação das carreiras de camionetas entre Cercal e Odemira, pela empresa *Palmelense*, um empresário, Jorge Barroso, criou uma carreira para o Cercal, com ligação à de Odemira.⁹¹ Pouco tempo depois era a própria *Palmelense* que fazia carreiras não diárias para Milfontes.⁹² Com a 2.^a guerra mundial, o incremento deste meio de transporte foi atrasado e em parte paralisado, pois peças, pneus, combustíveis, tudo era produzido nos países beligerantes. A propósito, refira-se que, por esse motivo, o movimento do porto aumentou grandemente nesse período, seguindo-se, contudo, a fase de decadência que antecedeu o seu fim. Em 1942, em plena guerra, viajantes provenientes de Beja, utilizaram o comboio até à estação de Odemira (Luzianes) e daí alcançaram esta vila no carro de transporte do correio, puxado por uma parelha de muars, sobre um dos raros troços de estrada em macadame do concelho. De Odemira para Milfontes apanharam, com sorte, na madrugada seguinte, um dos iates da cabotagem (o *Rio Mira*), um transporte grátis.⁹³ Note-se que, entre Odemira e a estação, já tinha havido uma carreira em camioneta *Ford*, inaugurada em 1926, com serviço de carga e passageiros, entretanto obrigada a parar.⁹⁴ No mesmo ano de 1942, um grupo de filiados da Juventude Católica Feminina, de Beja, optou por descer na estação ferroviária de Santiago do Cacém, após dois transbordos. Daí a Milfontes, utilizaram o costumado serviço de carros de mulas, sobre uma estrada macadamizada, com um troço apenas terraplenado entre Sonega e Cercal. Duração da viagem: 23 horas. No regresso, embarcaram num iate que os levou a Odemira, de onde seguiram para a estação ferroviária de Amoreiras-Gare.⁹⁵

Restabelecida a paz na Europa, os transportes públicos rodoviários relançaram-se.⁹⁶ Ainda no ano de 1945, foi pedida a concessão de uma carreira de camionetas de passageiros, ligando Santiago do Cacém a Milfontes, por Manuel Pires de Mendonça, daquela vila. Entrava-se num breve período em que pequenos empresários se abalançavam nos transportes públicos rodoviários, aqui rapidamente substituídos por João Cândido Belo e a sua empresa *A Setubalense*, que deteve o “monopólio” das carreiras no litoral alentejano até aos anos 70. A agência ficava num estabelecimento comercial, ao fundo da Rua da Igreja, tendo a junta de freguesia cortado um pouco do adro da igreja para a manobra dos autocarros. Ainda nos anos 50, a agência instalou-se no actualmente chamado Largo do Almada, em estabelecimento de Gonçalo Raminhos, não sem protestos de alguns moradores, que consideravam a nova localização demasiado periférica em relação à zona mais central e comercial da vila.⁹⁷

A organização viária, em que o acesso a Milfontes se fazia por um ramal, colocou esta vila, durante muitos anos, à margem de qualquer importante via de circulação automóvel. Na verdade, a Milfontes apenas se vinha intencionalmente. No entanto, esta estrada acabou por servir decisivamente o ingresso turístico a esta vila. A

⁹¹ Jornal *Diário do Alentejo*, n.º 1522, de 20 de Maio de 1937, p. 2.

⁹² AHJFM, Livro de actas das sessões da Junta de Freguesia, 1939-1947, f. 3 (informações confirmadas por António da Costa “Ladeiras”).

⁹³ Experiência de Maria Rosa Martins e João Batista Quaresma, meus pais. O termo “iate” é aqui aplicado a navio de vela, usado no transporte de mercadorias, e não, evidentemente, aos barcos de recreio hoje assim designados.

⁹⁴ *Ecos da Serra*, n.º 22, de 1 de Junho de 1926, p. 2.

⁹⁵ JOAQUIM MARIA LOURENÇO, *Testemunho de um Sacerdote*, Vila Nova de Milfontes, Ed. de Autor, 1983, pp. 99-103.

⁹⁶ Os autocarros transportavam passageiros e mercadorias.

⁹⁷ AHJFM, Livro de Registo de Correspondência expedida, 1950-1957, f. 18.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

estrada 98-2.^a, a que pertencia o troço Milfontes – Cercal, foi, depois, reclassificada em Nacional 390, entre Abela e Vila Nova de Milfontes, com o traçado entre Cercal e Abela sem compatibilidade com a realidade do movimento automóvel.

Quanto a Zambujeira e Almogrove, só com o século XX bem adiantado tiveram as suas primeiras ligações carroçáveis, embora particularmente a primeira gozasse de crescente popularidade entre os odemirenses. Em 1932, um frequentador da Zambujeira pedia para esta praia um hotel e uma estrada, entre outros melhoramentos, criticando, ao mesmo tempo, a falta de ordem no arruamento, uma vez que cada um construía a casa a seu bel-prazer.⁹⁸ O crescimento desta povoação foi, todavia, notável. Em 1960, Almogrove tinha 78 fogos e 177 residentes e Zambujeira do Mar, 282 fogos e 427 residentes, o que, especialmente no segundo caso, parece mostrar a existência de habitação sazonal.

No que respeita ao correio e às ligações telegráficas e telefónicas, Milfontes contava, nos anos 40 a 60, com envio e distribuição postal diária, fazendo-se o transporte das malas por um carro de mula entre Milfontes e Cercal, até ao fim da década de 50, altura em que o foi substituído por uma bicicleta motorizada. Os banhistas dispunham ainda da possibilidade de enviar e receber telegramas e chamadas telefónicas na própria estação dos CTT, numa terra em que a rede telefónica particular, cuja instalação se iniciou nos anos 40, era bem reduzida (em 1958, 19 unidades).

A oferta de diversões prosseguiu de acordo com a evolução dos tempos. Se Zambujeira continuava a fazer atracção dos seus banhos de S. João e do “29”, em Milfontes, o cinema entrava cada vez mais na lista dos divertimentos estivais. Nos anos 30, era montada barraca de cinema, ainda mudo, na Barbacã, com sessões animadas, no início e nos intervalos, por um trompetista, versão modesta das orquestras que actuavam nos cinemas das grandes cidades.⁹⁹ No mesmo local, ao ar livre, em finais dos anos 40, projecção na parede de uma casa, viam-se filmes comentados vibrante e pitorescamente pelo projeccionista. “Fogo nele!” incitava, tonitruante, o comentador, quando, no enredo do *Western*, o “rapaz” descobria a espera do “bandido”. Procurando interagir com o público, assumia-se como parte no espectáculo e trocava propositadamente os termos das frases: “Agora, o rapaz monta na menina e vai à procura do cavalo”. As peripécias, em geral hilariantes, que acompanhavam essas sessões, tornavam-se parte do espectáculo. O próprio castelo, na altura devoluto, era aproveitado para o efeito, havendo ainda quem se lembre de ali ter visto, por exemplo, o sucesso popular *Maria Papoila*, de Leitão de Barros. Refira-se também que, com António Ferro à frente do SPN/SNI, a “pedagogia” cultural do Estado Novo fez chegar a Milfontes o seu “Cinema Ambulante”, com filmes em que se exaltavam os valores “nacionais” e “populares”.¹⁰⁰ Nas duas décadas seguintes, o cinema ambulante, favorecido pela melhoria das possibilidades de transporte, naturalmente com o sonoro definitivamente imposto, comparecia em Milfontes com alguma regularidade, sendo o Verão, por motivos de tempo e de público, a época privilegiada. Em grandes tendas, em esplanadas, umas

⁹⁸ *Ecos da Serra*, II série, n.º 21, 20 de Outubro de 1932, p. 2.

⁹⁹ Cfr. TIAGO BAPTISTA, “O Cinema Mudo em Portugal. A ‘Arte do Milénio’ ”, in *História*, n.º 47, Julho/Agosto 2002, pp. 21 e 22.

¹⁰⁰ Como ainda muitos milfontenses recordam. Cfr. LUÍS DE PINA, *História do Cinema Português*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1986, pp. 81, 103 e 104.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

improvisadas, em que um pano branco servia de ecrã, outras já ajeitadas de propósito, e em celeiros, adegas e armazéns adaptados – onde cada espectador devia levar a própria cadeira – tanto veraneantes como naturais acediam à fruição da “7.^a Arte”.¹⁰¹ Igualmente fruto da “política do espírito” do regime, o “Teatro do Povo”, ambulante e ao ar livre, com actores profissionais, trouxe até aqui, nas suas jornadas estivais, a preços reduzidos ou gratuitamente, um relativamente variado e apreciado repertório, de que são particularmente recordadas peças de teatro histórico e religioso.¹⁰²

Outro tipo de espectáculo, os saltimbancos, em crescente decadência, também aprazia certo público. É ainda recordada a *Troupe Oriental*, que realizava o seu espectáculo no Passeio.¹⁰³ Artistas individuais, como os ilusionistas, faziam igualmente regulares mas espaçados espectáculos.

Em 1943, muito tardiamente portanto, foi decidida a criação de uma feira anual, inicialmente em 1 e 2 de Setembro, depois a 8 e 9 de Agosto, a montar no Cerro da Forca,¹⁰⁴ onde para além da parte comercial, havia divertimentos e espectáculos, entre os quais o circo, muito popular. A feira, cujo local mudou várias vezes, constituiu, durante quase três dezenas de anos, um momento especial em Milfontes, ainda que não pudesse comparar-se em importância com outras feiras da região. Em finais dos anos 50/princípios dos 60, realizava-se na “Avenida”, a caminho da praia, extravasando o “sector” do negócio de gado (particularmente bovinos) para as dunas, “paredes-meias” com as barracas dos banhistas, numa extraordinária quase promiscuidade.

Refiram-se ainda as festas religiosas, que continuavam a realizar-se, no Verão, cujos programas contemplavam espectáculos e diversões, de que se destacavam touradas, desportos aquáticos e participação de bandas de música de Odemira e Santiago do Cacém, como em 1932, em que activamente interveio o juiz de Odemira, Dr. Barbosa Viana, veraneante habitual.¹⁰⁵ Concursos como o pau ensebado e a corrida ao

¹⁰¹ Citem-se, entre outros, o “cinema do Cerro”, numa tenda, no Cerro da Forca, perto do cemitério, em finais dos anos 40; a esplanada da Casa do Povo e a da cerca do Forno; o “Armazém” (no Cais) e o “Tamar”, antiga adega e armazém (no Largo da Junqueira). Os espectáculos eram trazidos por empresários da região e de fora dela (Cercal, Sabóia, Odeceixe, Vale de Santarém, etc.). Mais tarde, um outro empresário (António Feliciano Inácio) instalaria aqui um cinema permanente. Odemira (onde no início do século houvera um animatógrafo), servida por ambulantes e por uma empresa local – Cine Odemirense e, depois, Cine Luz Odemirense –, teria, a partir dos anos 60, satisfazendo uma aspiração de muitos, uma verdadeira sala de cinema e teatro, o Cine Teatro Odemirense, na Sociedade Recreativa Odemirense (de todos, durante muitos anos, seria projeccionista José Baião da Conceição, hoje com 78 anos).

¹⁰² Lembro-me de, em criança, ter assistido ao *Auto de S. João Baptista*, de António Lopes Ribeiro, em palco montado no Cais, com alguns figurantes locais, no início de uma fase em que o “pequeno teatro” do tempo de António Ferro dera lugar a um novo teatro mais intelectualizado e com uma cenografia e um dispositivo cénico mais ambiciosos e apropriados a espectáculos ao ar livre. Cfr. GRAÇA DOS SANTOS, *Le Spetacle Dénaturé. Le Théâtre Portugais sous le Règne de Salazar(1933-1968)*, Paris, CNRS Editions, 2002, pp. 113 e segs.

¹⁰³ Parte das notas sobre as diversões provêm da memória pessoal do autor. Outras devem-se a informações e recordações obtidas através de conversas com pessoas de Milfontes, de que cito, com o risco de esquecer algumas, António Aroeira, conhecido por Tónica do Monte, António Maria da Costa “Ladeiras”, D. Luís de Castro e Almeida, Júlio da Silva Moura, António Luís José Gonçalves, Florentino Pereira, Dr. Manuel Alexandre Henriques Marques, D. Áurea Baptista, D. Lídia Augusta da Conceição e Carlos Alberto da Silva Mendes.

¹⁰⁴ AHJFM, Livro de actas das sessões da Junta de Freguesia, iniciado em 30 de Dezembro de 1939, n.º 2, fs. 26v.º e 27.

¹⁰⁵ *Ecos do Mira*, n.º 56, 9 de Setembro de 1914, p. 1, e *A Voz do Mira*, n.º 4, 15 de Outubro de 1932, pp. 1 e 2. Cfr. *Guia de Portugal*, II, p. 185.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

pato, realizados no rio, despertavam interesse, e hilaridade. Mais tarde, iniciaram-se as procissões fluviais, em que participavam barcos de pescadores e de banhistas e o próprio barco salva-vidas *Rio Mira*, uma embarcação do tipo ‘baleeira’, de casco trincado, linhas finas, à vela e a remos, quase tão ineficaz quanto bela. O lançamento à água do salva-vidas, surgindo, imaculadamente branco e de bronzes bem polidos, no largo portão da casa abrigo, e descendo depois, veloz e estrondosamente, pelos carris, até surdo e cintilante impacto final com água, era, só por si, um emocionante acontecimento.¹⁰⁶

O turismo social iniciou-se aqui ainda nos anos 40, quando, em Portugal, começaram a proliferar as colónias de férias, à semelhança do que se passava lá fora. Em 1942, a Juventude Católica Feminina (organização inserida no movimento da Acção Católica Portuguesa), de Beja, criou uma pequena colónia de férias, por iniciativa do cónego Joaquim Maria Lourenço. Esta acabou por ser embrião de uma colónia balnear infantil, frequentada por crianças do interior enviadas por organismos corporativos do distrito de Beja, especialmente casas do povo, que aqui pela primeira vez se espantaram com a visão do mar e dos extensos areais. Em contínua expansão (em 1957, cerca de 1600 crianças, distribuídas por vários turnos), sempre com intenção confessional e sob a direcção do arcediogo Lourenço, a colónia balnear infantil foi complementada, a partir de 1959, com um colégio feminino para ensino liceal, dando depois origem ao Instituto de Nossa Senhora de Fátima.¹⁰⁷ Com bom tempo, aos domingos, as raparigas do colégio iam, por vezes, em passeio à margem sul, e, provenientes a maior parte de terras do interior, cantavam durante a travessia do rio “mas olha se o barco vira, lá no meio do Mira, e eu não sei nadar” – enquanto o barqueiro, o Ti’ António (ou Ti’ António Coxinho), de seu nome verdadeiro António Nunes Coelho, remava, com a sua remada cadenciada e sábia, ajustada a ventos e correntes.

Nos meses de Verão, quatro vezes por dia, grupos de crianças “da colónia”, vestidas com bibes-uniformes e guardadas por “monitores” ou “monitoras”, desfilavam pelas ruas da vila, em direcção à praia ou regressando dela. Ao benefício dos “ares do mar” (a “mudança de ares” continuava a ser uma forma de “robustecer” o organismo), a colónia pretendia juntar os cuidados com a “alma”, através da “instrução moral e religiosa” e das orações, diárias, bem como da assistência à missa e da catequese e baptismo dos catecúmenos. Na fase de arranque, como colónia balnear, o seu director fez vasta campanha de recolha de fundos, que incluiu uma viagem ao Brasil, em 1953.

¹⁰⁶ Recordo o meticuloso cuidado com que o cabo do mar e patrão do salva-vidas, Eugénio Guerreiro Barreto, limpava os metais da embarcação. Devido à relativa importância do porto, os serviços de socorros a naufragos haviam apetrechado Milfontes, em 1929, com este barco e uma nova casa abrigo, substituindo um velho barco que se guardava num barracão existente um pouco mais para jusante. Sempre que era metido na água, mesmo para simples treino dos tripulantes, rapazes e adultos, incluindo banhistas, como recorda o Eng. José Maria Simões dos Santos, iam à Barbacã ou desciam à Ponta do Castelo para assistirem. Em alturas de naufrágios, o toque do desaparecido sino que, na barbacã, alguém tocava a rebate para chamar a tripulação do salva-vidas, era o mais aflitivo e alarmante som que os milfontenses ouviam.

¹⁰⁷ O arcediogo Lourenço recebeu do governo de Salazar, em 1968, as insígnias de Comendador da Ordem de Benemerência. *Cfr.* JOAQUIM MARIA LOURENÇO, *op. cit.*, pp. 99, 120, 125-129, 272-273, 281 e 338.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Nesta, fez-se acompanhar de um filme de 16 mm, sobre a colónia, talvez o primeiro filme de propaganda envolvendo Milfontes.¹⁰⁸

Em 1952, um jornal a que o Dr. Lourenço (como era frequentemente conhecido) estava ligado, o *Notícias de Beja*, despediu uma frechada no prestígio da praia de Sines. Publicava o jornal, em notícia sobre a visita do Subsecretário de Estado da Assistência à colónia:

“A nossa diocese tem actualmente em seu território três boas praias: Sines, Milfontes e Azambujeira. Sines é praia perigosa para as crianças, visto o mar ser bravo e a praia ter pequenas dimensões; Azambujeira é uma praia ainda muito primitiva, pois está agora a fazer-se. Milfontes é por sua própria natureza a melhor praia alentejana para as colónias de crianças. Foi por isso que há 11 anos a J. C. F. da nossa diocese, sob a hábil orientação do Rev.do Sr. Dr. Joaquim Maria Lourenço, começou ali uma colónia de raparigas da A. C. que depressa se transformou em colónia de crianças [...]

»¹⁰⁹

O artigo espelhava o bairrismo local, e sobretudo reproduzia respeitosa a opinião “oficial” da direcção da colónia, talvez não isenta de remoque pois o arcediogo Lourenço havia feito inicialmente uma tentativa falhada de se instalar em Sines. Naquela vila, houve protestos indignados, um comunicado público, gestos de desagravo, soltaram-se brados de “mentira”, “vilania”, “canalhice”, enfim uma pequena tempestade de contornos bairristas, naturalmente avivada pela reacção de interesses supostamente ameaçados, o que levou o jornal, no número seguinte, a tentar pôr, um pouco atabalhoadamente, água na fervura.¹¹⁰

A colónia acabou por sofrer o impacto dos novos tempos, e as extensas filas de crianças do meio rural alentejano desapareceram das ruas de Milfontes. O turismo social deixaria mesmo de constituir o principal objectivo do Instituto.

Assinale-se, ainda na área do turismo social, a existência de um pequeno centro de férias organizado por D. Maria Júlia de Brito Pais Falcão, membro de família de ricos proprietários fundiários, que trazia grupos de crianças do interior do concelho a passar férias em Milfontes. Filantrópica iniciativa pessoal, informada por espírito caritativo de raiz cristã,¹¹¹ a “colónia de S. José” funcionou alguns anos em casa da própria criadora, extinguindo-se com o desaparecimento desta.

Seguindo a corrente, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra do concelho organizava nos anos 40 uma colónia de férias anuais para os filhos dos sócios. A própria Misericórdia de Odemira, cuja tarefa assistencial se centrava no hospital, decidiu, em

¹⁰⁸ *Idem, op. cit.*, p. 150. A película encontra-se no Instituto de Nossa Senhora de Fátima.

¹⁰⁹ *Notícias de Beja*, ano XXV, n.º 1253, 2 de Agosto de 1952, p. 1.

¹¹⁰ *Idem*, n.º 1254, de 9 de Agosto de 1952, p. 4. Agradeço ao Dr. José Miguel da Costa a cedência de fotocópia do comunicado, e a José Manuel Cavalinhos o conhecimento da sua existência.

¹¹¹ D. Maria Júlia seria agraciada pela Santa Sé, em 1955, com a condecoração “*Pro Ecclesia et Pontifice*”. Criou no fim da vida a Fundação Brito Paes, a que anexou alguns prédios rústicos e urbanos, dos seus bens pessoais, projecto que fracassou após a sua morte.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

1947, sob proposta do provedor José de Oliveira Dimas, criar, em Vila Nova de Milfontes, uma colónia para 12 crianças pobres, com duração de 15 a 20 dias.¹¹²

Algo ia, entretanto, mudando nos hábitos dos veraneantes e impunha algumas transformações. Os costumes já não exigiam que os banhistas se escondessem dos olhares estranhos, e a margem direita do estuário, entre o cais da Ti' Constança (antigo “cais” da barca da passagem) e a praia da Ti' Bernardina (a jusante da Ponta do Castelo), junto à vila, começou a servir de praia de banhos. Algumas pessoas de dinheiro haviam ligado um cano de esgoto de suas casas para uma vala junto à ladeira para a praia, o que obrigou a Junta de Freguesia a pedir aos proprietários a sua remoção.¹¹³ As preocupações higienistas, que, no I Congresso Nacional do Turismo, realizado em 1936, tanta ênfase haviam merecido,¹¹⁴ já tinham chegado a Milfontes. Havia também o cuidado de anualmente preparar a terra para a época balnear: em Julho de 1940, a Junta de Freguesia mandava afixar editais “convidando” todos os proprietários a limparem os seus prédios e decidia a caiação dos muros da Barbacã e da escola primária (edifício da antiga câmara), bem como melhor iluminação de toda a área da Barbacã e descida para a praia da lota (Rua Pool da Costa).¹¹⁵ Com vista a embelezar a vila, a Junta de Freguesia decidiu em 1930 plantar árvores nos seus largos, começando por pôr duas tílias no adro da igreja, a que se seguiram o Passeio (Barbacã) e o Rossio, com *robínias* e *mélias*.¹¹⁶

Por essa altura, muitos banhistas passaram a preferir o medo da Franquia (a que se chamava também praia do Rio, ou praia dos Medos), mais adequado aos banhos e com um farto areal em acentuado declive bem exposto ao sol, onde se armava uma linha de toldos e barracas de lona riscada de azul ou vermelho. Um largo caminho, pomposamente designado por “Avenida Marginal”, a que o povo se habituou a chamar simplesmente “Avenida”, foi rasgado, nos anos 40, a poente da povoação (das imediações do castelo até próximo do lavadouro público pouco antes inaugurado), para lhe dar acesso. À reunião da junta de freguesia em que foi decidida a abertura da avenida (28 de Setembro de 1943), bastante concorrida, assistiu o presidente da câmara, bem como banhistas e habitantes.¹¹⁷

Um dos frequentadores desta praia, nos anos 40, o Dr. Aboim Inglês, de Aljustrel, que alugava casa na Rua dos Aviadores, montava ali uma barraca grande para abrigar a numerosa família.¹¹⁸ No início da década de 60, seria concedida a concessão de um café-restaurant amovível (onde, a certa altura, se podia ouvir música de uma

¹¹² Arquivo da Misericórdia de Odemira, Livro de actas da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Odemira, aberto em 1 de Abril de 1945, fs. 30 e 32.

¹¹³ AHJFM, Livro de actas das sessões da junta de freguesia, n.º 2, iniciado em 30 de Dezembro de 1939, fs. 35 e 35v.º

¹¹⁴ Cfr. FAUSTO LANDEIRO, “A Higiene Base Essencial do Turismo”, in *Revista Clínica, Higiene e Hidrologia*, n.º 2, Lisboa, Fevereiro de 1936, pp. 66-71; ÁLVARO V. LEMOS, *Os Pequenos Nadas do Turismo e Alguns dos seus Factores Esquecidos*, I Congresso Nacional de Turismo, V secção, Lisboa, 1936.

¹¹⁵ AHJFM, Livro de actas das sessões da junta de freguesia, n.º 2, iniciado em 30 de Dezembro de 1939, fs. 4 e 4v.º

¹¹⁶ *Idem*, Livro de actas das sessões da junta de freguesia, iniciado em 5 de Janeiro de 1919, fs. 43 e 43v.º

¹¹⁷ *Idem, ibidem*, fs. 29-30. Ficaria por pavimentar e arranjar até aos anos 70, altura em que foi prolongado, por sobre o areal dos medos, até ao farol.

¹¹⁸ Informação prestada por D. Maria Laura Barbosa Viana Simões dos Santos.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

máquina de discos em troca de uma moeda), bem como das barracas e dos toldos, a Manuel Alexandre de Almeida, carpinteiro de profissão e comerciante.¹¹⁹ Este devia manter sempre pronto um bote e um “banheiro” para segurança da praia.¹²⁰ As restantes praias locais tinham frequência diminuta, estando muitas vezes desertas. A praia do Farol, a mais resguardada da nortada, mas com fama de perigosa devido ao repentino fundão, também passou a ter alguns preferentes; o acesso a pé era porém difícil, pois havia que passar os pontiagudos rochedos dos Rochos Pretos ou subir esforçadamente um alto medo de areia. Um ou outro escolhia a praia do Carreiro da Fazenda, também chamada praia da Costa ou do Norte, voltada à face oceânica, o que exigia a travessia do areal dunar. À praia da Furnas continuavam a ir alguns apreciadores, assim como os amantes da pesca ao robalete, à cana, na Ponta da Areia, mas era necessário passar de barco.

Na vila, a Barbacã, a que há muito se dera também o nome de Passeio (o Passeio Público da moda), que tinha sido local de venda de peixe e possuía, contígua, a Praça (até aos anos 40), continuava, com o seu miradouro sobre os estuário e as árvores de jardim plantadas nos anos 30, local de reunião de banhistas e de moradores, autêntico “centro cívico”. O “Café Pérola do Atlântico”, depois “Miramar” (nomes bem “turísticos”), propriedade de José Maria Brito Pais Falcão, que sucedeu a um estabelecimento do tipo taberna, era, na Barbacã, ponto de encontro e de cavaqueio.¹²¹ Em 1943, foi inaugurada uma escadaria da Barbacã até ao rio, no local onde antes houvera uma perigosa vereda, obra levada a cabo pela câmara e junta de freguesia, “com o auxílio dos amigos de Milfontes”,¹²² estes naturalmente os banhistas. Nos anos 50 são ainda recordadas, aqui, as quermesses da festa de Nossa Senhora da Graça, em que as senhoras banhistas e as senhoras da “sociedade” local participavam em conjunto, bem como os bailes nocturnos, à luz de dois *petromax* (para melhor iluminação, e não fosse um falhar), abrilhantados sempre por distintos acordeonistas, de que são particularmente recordados o já citado Francisco Cândido Vieira (Xico Algarvio) e Fernando Marralheiro.

Outro espaço cívico importante, com um carácter algo diferente, passara, desde os anos 40, a ser o Rossio, com o correio, o mercado, o posto médico da Casa do Povo, o talho (o Talho Cabecinha), uma taberna (a do Tónica Cabecinha, frequentada apenas por naturais) e a nova padaria. A mudança da venda de peixe e de carne para o Rossio, bem como a praça de hortaliças e outros produtos hortenses foi promovida pela junta de freguesia em 1947, devido alegadamente à falta de condições higiénicas do lugar onde antes se fazia.¹²³ Alguns locais iam vender directamente a casa dos banhistas, e não só, o pescado e o marisco que apanhavam, forma expedita de comerciar o produto, e fugir ao imposto, aliás também conveniente para o comprador.

¹¹⁹ Ele possuía uma “Drogaria”, no Largo da Igreja, onde vendia “ferragens e drogas”.

¹²⁰ O sentido da palavra “banheiro” é aqui diferente do tradicional. Este “banheiro” era já uma espécie de nadador salvador.

¹²¹ Que juntamente com a “Leitaria”, da Rua da Igreja (Rua Diário de Notícias), constituía toda a oferta de estabelecimentos deste género (a Leitaria tinha sucedido à pensão da Ti’ Rosa Laje).

¹²² Como esclarecia uma placa fixada no muro da escadaria. Essa placa acabou por se desprender e caiu na praia; o autor destas linhas recolheu os fragmentos que guardou.

¹²³ AHJFM, Livro de actas das sessões da Junta de Freguesia, n.º 2, iniciado em 30 de Dezembro de 1939, fs. 49v.º-50v.º

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Esclareça-se que a tradição da venda de peixe na Praça (a antiga, perto do castelo) se prendia com a função do açougue, onde na primeira metade do século XIX se vendia o peixe grosso, como a corvina; o restante peixe era, após pique do sino da câmara, posto à venda na praia da barca da passagem (praia da Ti' Constança), onde moradores e almocreves se abasteciam.¹²⁴

Na praia, seguindo timidamente a tendência, os próprios fatos de banho lá foram encurtando, apesar dos constrangimentos morais impostos pela sociedade e dos rigores do conservadorismo legislativo do Estado Novo.¹²⁵ O antigo hábito de usar para o banho roupa de baixo e de cima e mesmo a “trapagem mais ruim”¹²⁶ ainda se conservou por muito tempo entre alguns frequentadores menos requintados, que aliás procuravam sítios retirados. Mas desde o início do século XX, vemos as elites usarem o fato de banho,¹²⁷ cujo corte foi, apesar de tudo, mudando e revelando cada vez mais secretos pormenores anatómicos. E excitavam o imaginário masculino. Um poeta local publicava, em 1955, um soneto dedicado “A uma gentil banhista”, em que sensualmente adivinhava e desejava as “formas”, as “curvas” de um “esbelto corpo” debaixo de um “*maillot grenat*”.¹²⁸ Mas, por essa altura, um visitante da católica colónia balnear infantil enfatizava, agradado, que Milfontes era “uma terra ainda de costumes antigos”, aonde não tinha chegado “a mania pagã do nudismo”, nem os banhistas se acumulavam na praia “como sardinha em canastra” – concluindo que, assim, as crianças saíam fisicamente robustecidas, sem nada sofrerem “moralmente, na sua alma em formação”.¹²⁹

O *maillot* e, depois, o *bikini* tiveram, porém, caminho bem difícil, sob o olhar vigilante do cabo do mar.¹³⁰ As primeiras utilizadoras do “duas peças”, essa “diabólica” invenção de Louis Réard, eram forçadas a refugiar-se em praias então mais escondidas, como a do Farol. Os biquínis chegaram pela mão de estrangeiras: o Dr. Fernando Galvão teve a certa altura uma ‘*mademoiselle*’ francesa, para cuidar dos filhos, de nome Bernadette, que usava biquíni, para deleite dos homens e dos rapazes adolescentes. O próprio cabo do mar, Eugénio Guerreiro Barreto, na sua irrepreensível farda branca, em plena praia das Furnas, obrigado, para cumprimento da lei, a actuar contra a sedutora gaulesa, fê-lo, afirma quem viu, deveras embaraçado – e contrafeito.¹³¹

¹²⁴ AHMO, *Concelho do Cercal, postura* (sem data, mas possivelmente de 1837), CB 2/ 3, título *Pescadores*. A lota passou, em 1951, para o Canal, pequeno porto de abrigo a norte da vila, do que a junta de freguesia reclamou, ao que parece com algum resultado, pela distância a que se encontrava da vila e porque os almocreves passavam todo o peixe para fora com prejuízo do abastecimento local (AHJFM, Livro de Registo de Correspondência expedida, 1950-1957, fs. 23 e 24).

¹²⁵ Cfr. MARIA JOÃO MARTINS, “História de uma Tentação. As férias e os fatos de banho”, in *História*, ano XV, n.º 167, Agosto de 1993, pp. 22-28; PAULO PINA, *op. cit.*, pp. 109-113.

¹²⁶ Como acontecia em meados do século XIX em Sines. Cfr. FRANCISCO LUÍS LOPES, *Sines, Patria de Vasco da Gama*, Lisboa, 1850, ed. da CMS, 1985, p. 99.

¹²⁷ Curiosamente, uma postura municipal, de 1905, referindo-se a Odemira, proibia a qualquer pessoa nadar ou banhar-se em estado de nudez, no rio Mira, em local de onde pudesse ser vista (*Código de Posturas Municipais no Concelho de Odemira 1905*, Coimbra, Typographia – Casa Minerva – Papelaria, 1905, p.15).

¹²⁸ *Odemirense*, ano I, n.º 13, de 1 de Julho de 1955, p. 3.

¹²⁹ *Notícias de Beja*, ano XXIV, n.º 1352, 17 de Julho de 1954, p. 1.

¹³⁰ *Topless* e nudismo, só muito mais recentemente, em plena década de 70, o último naturalmente em praias isoladas, pois não existia qualquer praia naturista.

¹³¹ Informações do Eng. José Maria Simões dos Santos.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Singular o facto de a acção fiscalizadora da autoridade marítima se exercer, então, especialmente, sobre os homens, que muitas vezes despiam a parte superior do fato de banho ficando apenas em calções. As senhoras, essas cumpriam em geral a normativa, que outra coisa a moral vigente também não consentia.

Como estava distante a Alemanha oitocentista de Ramalho Ortigão, onde as damas, em certas praias, tomavam banho só com a “bracelete”!¹³²

Ao dobrar de meados do século XX, muita coisa se modificou localmente: a vila, mas não ainda toda a freguesia, perdeu alguma população, absorvida pela metrópole lisboeta, mas o número de fogos não deixou de aumentar (400, só na vila, em 1960);¹³³ os transportes rodoviários ganharam incremento, e reduziu-se a importância dos marítimos, ao ponto de, em breve, se extinguir o movimento do porto comercial, o que certamente contribuiu para a saída de população. Aproximava-se a década demograficamente recessiva de 60, década de emigração e de mobilização militar. Turisticamente é que ainda não havia grandes mudanças, embora naturalmente a afluência tivesse aumentado. Milfontes, bem como as restantes praias do concelho, continuavam a figurar entre as praias de 3.^a ordem, conforme a classificação oficial destinada a tabelar as licenças para armar barracas e toldos (mas Sines, subira a praia de 2.^a).¹³⁴ Um jornal local falava em 1960 em “ângulo turístico”, cujo vértice era Odemira e os lados o rio entre Milfontes e aquela vila e a estrada de Odemira à Zambujeira.¹³⁵ Ainda que houvesse a consciência da crescente importância económica do turismo, o seu impacto local não se alterara de forma muito marcada; a vila, terminado o pequeno alvoroço estival, voltava todos os anos à pacatez costumada. Como recorda uma antiga banhista:

A seguir ao equinócio de Setembro, faziam-se as malas, fechavam-se as casas e as famílias partiam. Os sinais do fim das férias surgiam com um rigor matemático: o vento rodopiava, de repente, para o quadrante sul e as nuvens desfaziam-se numa chuvada grossa que espalhava no ar um cheiro intenso a terra molhada. Ao mesmo tempo, o mar embravecia e revolvia-se nos fundos, arrastando para as praias pedaços de madeira e restos de bóias e de redes, e empurrando rio acima uma espuma espessa que turvava a limpidez das águas. Vila Nova voltava, então, ao esquecimento do mundo até ao Verão seguinte e a maioria da população, pescadores e camponeses pobres, preparava-se para os rigores da invernia, entregue a si própria e à penúria das papas de milho, das favas e das batatas-doces, produto dos brejos.¹³⁶

¹³² RAMALHO ORTIGÃO, *op. cit.*, p. 74 (edição consultada: Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1966).

¹³³ *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes (às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960)*, Instituto Nacional de Estatística, tomo I, vol. II.

¹³⁴ Decreto-lei 36725, de 12 de Janeiro de 1948 (*Diário do Governo*, I série, n.º 9, de 12 de Janeiro de 1948).

¹³⁵ *Odemirense*, ano VI, n.º 119, de 1 de Junho de 1960, p. 2.

¹³⁶ ISABEL SIMÕES DOS SANTOS, “Vila Nova de Milfontes: para que conste”, in *Grande Reportagem*, n.º 7, Ano II -2.^a série, Julho/Setembro de 1991, pp. 126.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

A origem e a composição social dos banhistas permanecia sensivelmente a mesma, embora ao longo da primeira metade da centúria a economia odemirense tivesse passado por algumas vicissitudes. Veja-se, como exemplo, a indústria corticeira, que, de crise em crise, desapareceu quando a localização geográfica acabou por deixar de depender da proximidade das áreas produtoras de matéria-prima; ou a agricultura, desde a euforia da “campanha do trigo” aos novos projectos de regadio (no concelho, a barragem de Santa Clara), e à final perda de importância da actividade.¹³⁷ Vicissitudes que se repercutiram no esvaziamento populacional da área rural que à aproximação de meados da centúria se iniciou. Estava-se perante a inelutável decadência do velho mundo rural, que se arrastaria até aos nossos dias.

Os frequentadores de Milfontes eram, nesta fase, os habituais proprietários fundiários, alguns verdadeiros *lavradores*, médicos e juristas, muitas vezes ligados entre si por laços familiares, funcionários públicos e comerciantes. A maioria procedente da sede do concelho, mas também de freguesias, especialmente S. Luís e Cercal.¹³⁸ Alguns dos licenciados citados provinham da antiga elite odemirense que tinha mandado os filhos para a universidade, para cursarem medicina, direito ou engenharia; outros eram de fora e, através do casamento, tinham-se ligado a famílias locais. Mas no concurso a Milfontes surgiam agora, cada vez mais, banhistas de Lisboa, embora alguns deles originários do Alentejo. Assinale-se que algumas pessoas da região procuravam então praias mais elegantes, como Sines, Praia da Rocha e Estoril. Aliás, há muito que o faziam.

As relações dos frequentadores habituais com a gente da terra efectuavam-se principalmente através dos serviços prestados por esta, desde o aluguer da casa à minhoca que alguns rapazes da vila apanhavam para o isco da pesca dos ricos banhistas. Era clara a distinção entre os dois grupos, separados geralmente pela diferença económica e social, e a subalternidade da maioria dos naturais. Alguns destes, jovens, também faziam “vida de banhista”, frequentando a praia e a Barbacã, mas não era essa a regra. Pela mão de banhistas houve quem obtivesse uma saída para a vida, numa altura em que, pela via migratória, aqui como no resto do País rural, muita gente buscava fora

¹³⁷ O regadio proporcionaria, entretanto, uma nova agricultura, intensiva e empresarial, que modificaria a fisionomia da charneca litorânea.

¹³⁸ Por volta de meados do século XX, identificamos os seguintes (e respectivas famílias), algumas bem antigas na frequência: de Odemira – Dr. Fortunato Simões dos Santos, Eng.º António Fortunato Simões dos Santos, Dr. Fernando Santos Agudo, César Carvalho de Miranda, Manuel Baptista Brás, Dr. Fernando Silva Ramos, Dr. José Paulo Barbosa Serrão Marreiros, Dr. Fernando Galvão, D. Isabel Portela, João Serrão Cintra do Vale, família Rego, Rafael da Silva; de S. Luís – Dr. Manuel Joaquim Águas, José Custódio Francisco (lavrador de Vale Figueira), Manuel Gamito Simões, Dr. Jaime Graça, Dr. Lázaro Sales; família Serralha; de Colos/Vale de Santiago – José Jacinto Brito Pais; D. Maria Júlia Falcão; do Cercal – Dr. João Botelho, família Loução, da herdade das Sesmarias; de Santiago do Cacém – Dr. Domingos de Andrade, cavaleiro tauromáquico Murteira Correia; de Ermidas – Norberto Lança; de Ourique – José Bernardo, da Parreira; de Cuba – família Aguilar; de Castro Verde – família Brito Camacho; de Lisboa – Dr. Arménio França e Silva, Ruy de Menezes, Dr. Luís da Cruz Sobral, Dr. Luís Lopes da Costa, Ernesto Silva Reis Góis, Armando Silva Reis, Comandante Joaquim Cabeçadas Silva Reis, Manuel Vila, José Vieira, Francisco Ferreira Gândara, Aquilino Mendes, Eng.º Carlos Magalhães, capitão António Rodrigues Varela. A lista não está certamente completa; em qualquer caso, não contém banhistas eventuais ou menos assíduos. Embora um grupo bem individualizado, os banhistas juntavam-se em círculos de preferência, por vezes com base em ligações familiares (Informações: Joaquim Patrício Craveira, Francisco Simões, Arq.º Luís Soveral Varela, Dr.ª Maria Augusta Alves, etc., e própria lembrança do autor).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

oportunidades que na sua terra escasseavam: os exemplos mais conhecidos são os do Dr. França e Silva, director de um departamento estatal, e do Eng. Simões dos Santos, da Lever, que arranjam emprego em Lisboa para muitas pessoas de Milfontes.

Nos anos 50 e inícios de 60, para além naturalmente das manhãs na praia, com seus banhos, conversas, jogos, *flirts*, os jovens veraneantes excursionavam pelo campo ou pelas falésias costeiras, às vezes organizavam “burricadas”, enquanto as “senhoras tias” faziam *tricot*, jogavam canasta, “destinavam” o trabalho doméstico das criadas. Eles juntavam-se também para dançar: nos anos 50, organizavam *matinés* dançantes, ao som de grafonola e de discos de 78rpm, na garagem de António Serrão, na Rua Barbosa Viana (hoje, Café Colmeia); no início de 60, ao som dos êxitos musicais do momento tocados nos “*pic-up*” a pilhas, as *matinés* e mesmo *soirés* realizavam-se no celeiro de Rui de Menezes,¹³⁹ no início da descida para a praia da Ti’ Constança (Rua Pool da Costa), junto à taberna do Cartaxinho (António Henrique Vitoriano). Quanto aos “chefes de família”, ou porque presos pelos afazeres profissionais, ou porque preferissem outras ocupações, nem sempre eram assíduos aos banhos; por vezes, limitavam-se a mandar a família.

Um momento deveras apreciado era, porque não havia carteiro, a distribuição do correio, todas as tardes, na estação dos CTT, onde a chefe, D. Maria Rosa,¹⁴⁰ lia em voz alta os nomes dos destinatários, e todos sabiam da correspondência recebida por todos. À estação dos correios, situada desde os anos 40 no Rossio (hoje Café Azul),¹⁴¹ se ia também comprar o selo ou o postal, enviar o telegrama ou telefonar (o único posto público, Café Miramar, só abriu mais tarde).

Uma dessas jovens banhistas habituais, já citada, publicaria algumas décadas depois um fresco da Milfontes dos anos 50 e 60, belo exercício de memória, nostálgico e sensível. Nele surpreendemos a atmosfera quase mágica de uma Milfontes irremediavelmente desaparecida, plena de sensações e experiências, hoje irrepetíveis, impossíveis, que leva a autora a sentir-se, muitos anos depois, “estranha” numa terra de que conhecia “todos os recantos” e a experimentar uma “mágoa” que “chega a ser insuportável”.¹⁴²

Na passagem dos anos 50 para os 60, o frequentador habitual tinha casa própria ou alugava uma. O aluguer de casas a banhistas representava então em Milfontes um importante contributo para a economia de certo número de famílias, estreito certamente em termos absolutos mas considerável no âmbito local. Com o fim da navegação (em 1966, saiu o último barco, mas o declínio começara após o termo da 2.^a guerra mundial), tinha-se tornado mesmo uma das formas privilegiadas de obtenção de numerário, numa comunidade em cuja economia a circulação monetária não era ainda avultada. Uma casa relativamente grande podia custar à volta de 500 escudos por mês. Um exemplo: Clementina de Jesus, com o marido, ex-marinheiro, impossibilitado de trabalhar devido

¹³⁹ A que chamavam “Salão da Batata”, referência ao produto com frequência lá armazenado (Informações prestadas pelo Eng. José Maria Simões dos Santos).

¹⁴⁰ Maria Rosa Martins, chefe da estação desde 1942.

¹⁴¹ A estação estivera anteriormente em casas da Rua Manuel Gouveia (antiga Rua do Norte), da Rua António José de Almeida (antes Rua do Castelo) e da Rua dos Aviadores (anteriormente Rua Inglesa), conforme informação prestada por Jorge José (nascido em 1899 e falecido em 1996).

¹⁴² ISABEL SIMÕES DOS SANTOS, *op. cit.*, p. 126

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

às consequências de um acidente a bordo do iate *Violeta*, costumava alugar a casa onde vivia na Rua Vicente Ferreira (antiga Rua dos Marinheiros ou Rua Nova) por 600 escudos, calculados a 20 escudos diários, sem distinção de mês. Por esse preço, a dona da casa fornecia também roupas e prestava-se a fazer boa parte do serviço de casa. A família hospedeira deixava então para os banhistas o desafogo das cinco divisões e cozinha da moradia, que, embora térrea (como a grande maioria das casas de Milfontes), era uma casa grande para os critérios locais,¹⁴³ e remetia-se a um pequeno “anexo” de madeira, construído no quintal.¹⁴⁴ Frequentemente alugava a banhistas habituais, mas fazia-o também a eventuais.¹⁴⁵ Em 1956, o escrivão do tribunal de Cuba (que já tinha sido do de Odemira), Victor Carlos Pontes Vilão, veio passar o mês de Agosto, demora que considerou suficiente para os banhos e a “mudança de ares” necessários à família, tendo ficado em casa de D. Clementina. Regressaria alguns anos mais, sempre para casa alugada.¹⁴⁶ Mas nem só as famílias necessitadas alugavam casas a banhistas; entre gente rica de Milfontes, possuidora de várias habitações, havia quem alugasse as que tinha devolutas, como acontecia com D. Maria Patrício Craveira; e António Lopes Rego, proprietário de farmácia em Odemira, também alugava a sua. As pensões que então recebiam hóspedes eram a da Ti’ Rosa Laje, na Rua Diário de Notícias (antiga Rua da Igreja), e a Pensão Margarida, de Margarida Cabecinha, na Rua Vicente Ferreira (Rua Nova ou Rua dos Marinheiros), de maiores dimensões, que dava alojamento a passantes e veraneantes. Um caso especial: o forte filipino, vulgo “castelo”, vendido pelo Estado, em hasta pública, em 1903,¹⁴⁷ e, mais tarde, em 1939, comprado por Luís de Castro e Almeida, que lhe fez grandes reparações e o transformou em unidade de “turismo de habitação” *avant la lettre*, cujos clientes eram sobretudo estrangeiros. O proprietário tinha, para o efeito, contactos com a “Casa de Portugal”, em Londres.

Acrescente-se que o impacto da presença de algumas dezenas de famílias na economia local não se limitava ao aluguer de casas. O pequeno comércio e a pesca artesanal, aumentada a procura estacional, também animavam, mas nada, obviamente, que se possa comparar com o que sucederia algumas décadas depois. Em 1950, três lojas de mercearias e fazendas, de Victor Vicente Silva, António André Coelho e

¹⁴³ Uma banhista, Maria Emília Fialho Ildefonso Leão de Oliveira, de Cuba, costumava dizer que Milfontes, com as suas casinhas pequenas, de pé direito reduzido, caiadas de branco, parecia uma “vilazinha de bonecas” (informação prestada por minha mulher Maria Luísa Vilão Palma). Efectivamente, a grande maioria das casas, construídas em taipa ou, mais raramente, em pedra, tinha um ar bem modesto. Com a entrada do século XX, ténues ecos do modernismo, visíveis em platibandas *art deco*, influenciaram a frontaria de algumas delas (JOSÉ MANUEL FERNANDES, *Arquitectura Modernista em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 1993, pp. 146-148).

¹⁴⁴ Casa de banho ainda não havia. Numa “casinha”, provisória, no quintal, guardavam-se os apetrechos higiénicos: o bacio (penico), o alguidar do banho e uma pia amovível, esta um requinte, pois D. Clementina tinha servido em casa de ricos em Odemira, onde vira esse utensílio. Nos quartos, mais requintes pouco usuais: lavatório e bidé, também portáteis. Ao fundo do quintal, a costumada estrumeira onde se faziam os despejos, que depois eram usados como fertilizante na “cerca”. Na mesma zona do quintal, encontravam-se os inevitáveis chiqueiro do porco e capoeira das galinhas.

¹⁴⁵ Informação prestada por seu filho Augusto de Jesus Silva.

¹⁴⁶ Informação prestada por Maria Luísa Vilão Palma, sobrinha de Victor Vilão, que o acompanhou nas férias.

¹⁴⁷ Venda que se enquadra no processo de alienação de bens nacionais, iniciado no século XIX, no caso de velhas fortificações desclassificadas (*Cfr.* Lei de 13 de Setembro de 1897, sobre a classificação das fortificações, art.º 4.º).

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Manuel Joaquim Cabecinha, abasteciam a vila.¹⁴⁸ Mas a navegação queixava-se da falta de resposta comercial: em 1952, o mestre de uma traineira pertencente à firma Júdice Fialho, L.da, de Portimão, dizia que tinha vindo ao porto de Milfontes para se abastecer, principalmente de azeite, e não havia deste uma gota no comércio local.¹⁴⁹ A oferta de produtos hortícolas, cuja venda se efectuava na nova praça (Rossio), assim como o peixe (com excepção da citada venda paralela ao domicílio), era complementada pelo “lugar” de Emília do Carmo Moura, a ti’ Emília Charrinha, e muitas vezes por Mariana Seruca, do Cercal, que vinha, com o filho já homem, numa carroça.

Em 1 de Junho de 1952, terminadas as obras de instalação da água canalizada, foi feita a inauguração do abastecimento público, com “grandiosos festejos” (como, exageradamente, anunciava a junta de freguesia) e presença, entre outros, do governador civil e do presidente da União Nacional.¹⁵⁰ Mas só no Verão de 1965 os velhos candeeiros a petróleo desta pequena vila periférica deram lugar à luz eléctrica, aliás num período em que se procedeu à electrificação da maioria das sedes de freguesia do concelho. Alguns banhistas organizaram então o “enterro do candeeiro”, brincadeira de tom elitista que derivava da perfeita percepção de que a electrificação antecipava, ou simbolizava, o “enterro” deste seu espaço de evasão. Um candeeiro foi levado em procissão, sobre uma padiola, e à frente a figura alta e esguia do professor de música e também veraneante Francisco d’Orey, a tocar um refrão fúnebre numa viola. Curiosamente, o caso, tomado certamente por desrespeito pela benemérita política de melhoramentos do Estado Novo, foi objecto de denúncia à PIDE, por um informador de uma freguesia vizinha, denúncia que não teve qualquer efeito.¹⁵¹

Entretanto, a afluência ao Almogrove e à Zambujeira tinha crescido significativamente. E também a Odeceixe. Para muita gente de Odemira, essas passaram a ser as praias preferidas. Em 1955, no jornal *Odemirense*¹⁵², sob título “Odemira possui umas das melhores praias do País”, gabava-se a excelência da praia do Almogrove e lamentava-se a falta de estrada de acesso. Cada praia tinha os seus “fiéis”: enquanto

¹⁴⁸ *Anuário Comercial de Portugal*, 70ª edição, 1950, vol. II (Províncias e Ilhas), Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1950, p 3129. Nas Brunheiras, as lojas de João Tomás (João “Lentes”) e José Maria Sozinho. As lojas continuavam a vender sobretudo mercearias e fazendas. No entanto, a certa altura, até medicamentos (por exemplo o quinino para a malária) podiam ser encontrados em lojas locais; “comprimidos” de quinino eram fabricados pelo lojista, que utilizava a unha do dedo mindinho, expressamente crescida, como medida para o pó (como várias vezes viu D. Maria Laura Simões dos Santos). Embora há muito existisse médico residente, a primeira farmácia só seria aberta em 1958 e fecharia poucos anos depois no meio de alguma polémica, centrada na personalidade do farmacêutico.

Em 1937, abriu as portas uma padaria para fabrico e venda de pão, por Hermenegildo Silva, negociante de Lisboa, que aqui fixou residência. Veio complementar o serviço dos fornos e das vendedoras.

¹⁴⁹ *Notícias de Beja*, n.º 1253, de 2 de Agosto de 1952, pp. 1 e 3; *cfr. Roteiro da costa de Portugal*, Lisboa, Direcção de Hidrografia e Navegação, 1952, p. 268.

¹⁵⁰ Os “grandiosos festejos” limitaram-se à actuação da banda Sociedade Musical de Instrução e Recreio Aljustrelense (AHJFM, Livro de Actas das reuniões da Junta de Freguesia, n.º 41, 1947-1967, fs. 28 e 28v.º; Programa da festa, publicado pela junta de freguesia, cuja cedência agradeço a José Maria dos Santos). O depósito de água foi construído junto à ermida de S. Sebastião, então um lugar suficientemente alto relativamente à povoação.

¹⁵¹ Informação prestada pelo Eng. José Maria Simões dos Santos; ver também ISABEL SIMÕES DOS SANTOS, *op. cit.*, p. 128. Alguns banhistas, provenientes da elite urbana, teriam então conotação política contrária ao regime. Ainda recordo uma outra brincadeira, em público, em que a marcha *Angola é Nossa* era objecto de chacota.

¹⁵² *Odemirense*, n.º 2, de 15 de Janeiro de 1955, p. 2.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

Milfontes continuava frequentada por algumas famílias antigas do concelho, Zambujeira ganhou adeptos entre “novas” famílias. Reflectindo o sentimento dessa relativa preferência, em Milfontes havia remoídas queixas de que a câmara de Odemira só fazia melhoramentos na Zambujeira, e dava-se como exemplo o asfaltamento da descida para a praia, enquanto em Milfontes a “avenida” continuava por pavimentar.

Os anos 60 marcaram o começo da viragem no tipo de turismo local, tanto mais sensível quanto o decénio ia avançando. Nada de mais: no País, apesar de tudo, as coisas também tendiam a alterar-se, no turismo e não só. Este litoral é então, também, atingido pela emigração, numa espécie de recuo antes de se lançar num crescimento decidido. Em Milfontes, apareceram alguns turistas estrangeiros, em reflexo do aumento de entradas em Portugal. Aos franceses, que já vinham da década anterior, seguiram-se os ingleses, os alemães e os holandeses, conforme os ritmos de partidas dos países de origem. Surgiram os primeiros campistas, e o presidente da Junta, Victor Marques, declarava, em 1963, a necessidade de um parque de campismo, para o que havia, em volta da vila, acrescentava, premonitório, extensos pinhais.¹⁵³ Alguns novos veranistas, especialmente de Lisboa, tinham-se tornado assíduos.¹⁵⁴ A popularização da frequência da praia também foi visível. Nesta fase, muita gente do Cercal, servida por carreiras de autocarros, vinha passar o domingo à praia, apinhando-se e empurrando-se, no regresso, à porta do autocarro.¹⁵⁵ E de S. Luís, acorriam grupos, em engalanados carros de mulas, pela estrada da serra, que não permitia ainda o trânsito automóvel¹⁵⁶ – embora desde há anos se pedisse em S. Luís a estrada directa para Milfontes de modo a permitir a deslocação para a praia principalmente aos domingos.¹⁵⁷ E grupos familiares de povoações do interior continuavam a vir acampar, em tendas improvisadas, sobre as arribas (do Canal, nomeadamente), para banhos e, subsidiariamente, marisqueio, este também expressão de antiga relação com o mar.¹⁵⁸

Na praia, alguns jovens das antigas elites, numa reacção algo anacrónica, aliás meio brincalhona, delimitavam as zonas do “sangue azul” e do “*Sheltox*”, correspondentes aos “antigos” e aos “novos” banhistas.

Em 1960, um articulista do jornal *Odemirense* já se inquietava com a possibilidade de o novo turismo, com a “avalanche de divisas estrangeiras e escudos”, vir a encher Milfontes de “aleijões de paisagística urbana”.¹⁵⁹ Surgiu então um projecto,

¹⁵³ *Jornal do Sul*, de 10 de Setembro de 1963, pp. 3 e 4. Vítor Marques era comerciante, com porta aberta na Rua Diário de Notícias (Centro Comercial). Havia por essa altura mais duas lojas de mercearias e fazendas: de Luís Gonçalves Jóia e de José Vicente da Silva (Pérola do Comércio).

¹⁵⁴ Por exemplo, famílias Pinto de Lima, Cunha Santos, Uva Cansado, Macedo Franco, Stichini Vilela, Mendes Fagundes, Pinto Leite, Saraiva Lobo, Purwin de Figueiredo, Melo Beirão, Schedel, Gallego, Visconde das Fontainhas, algumas delas ainda frequentadoras, inclusive com casa própria.

¹⁵⁵ A que muitas vezes assistiu.

¹⁵⁶ Informação de Fernando Duarte da Silva.

¹⁵⁷ *Odemirense*, ano I, n.º 15, de 1 de Agosto de 1955, p. 2. A propósito, acrescenta-se que, com o crescimento do número de veículos motorizados, José Vicente da Silva abriu a primeira bomba de gasolina (SACOR) de Milfontes, junto à sua loja (Pérola do Comércio), no Largo da Igreja. Ele vendia também petróleo, combustível muito utilizado na iluminação e na cozinha antes da electricidade.

¹⁵⁸ Agradeço a informação a Natércia da Silva Ramos. Cfr. CARLOS TAVARES DA SILVA & JOAQUINA SOARES, “Economias Costeiras na Pré-História do Sudoeste Português: O Concheiro de Montes de Baixo”, in *Setúbal Arqueológica*, vols. 11 e 12, 1997, p. 107.

¹⁵⁹ *Odemirense*, ano VI, n.º 119, de 1 de Junho de 1960, p. 2.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX. O Exemplo de Milfontes

não realizado, de um grande loteamento nos Aivados, designado significativamente por “Nova Brasília”,¹⁶⁰ espécie de pré-aviso dos empreendimentos que chegariam anos depois. Mas se era ainda cedo para este tipo de projectos, estava na altura de nova etapa do crescimento urbanístico da vila. Os dois eixos de crescimento eram então a Rua de S. Sebastião (antiga estrada de Lisboa), cujas casas chegavam até às proximidades da respectiva ermida, e principalmente a “estrada nova”, para o Cercal (hoje Rua Brás Pacheco), com casas de um dos lados que já tinham ultrapassado a escola primária.¹⁶¹ Surgiu então a Rua do Pinhal e o bairro do Montinho, com plano regular, de que subsistiu a “ideia” no actual traçado, dentro da tendência de expansão da vila que seguia e irradiava do único eixo rodoviário.¹⁶²

Na passagem para a década de 70, o turismo local tinha, definitivamente, deixado de ser fenómeno de certa elite para passar a apresentar expressão massificada e a atrair clientes geográfica e socialmente diversificados. As antigas elites, ou o que delas restava, diluíram-se, acabando mesmo “expulsas” e reduzidas a ínfima expressão pela “invasão” dos novos turistas. Não que o modelo elitista tivesse de todo desaparecido: as elites passaram a ser outras e o leque de recrutamento alargado socialmente, numa população cada vez mais urbana e num quadro de progressiva industrialização e terciarização da sociedade e do tecido económico, em que o direito a férias pagas largamente se difundiu.

A periódica migração turística, baseada no pressuposto do direito ao lazer, mitificada por uma cultura de consumo e favorecida pela revolução nos transportes, converteu-se em necessidade que, crê-se, permite contrabalançar o stresse do quotidiano. Por outro lado, o turismo de “sol e praia” já se havia destacado de forma bem clara de outros antigos destinos (termalismo, montanhismo). Assim, os pequenos e calmos retiros alentejanos de vilegiatura estival do século XIX e primeira metade do XX transformaram-se profunda e definitivamente, acompanhando, com algum retardamento, a tendência geral do resto do País turístico. Enquanto Sines, orientada para um futuro portuário e industrial, empalidecia turisticamente, as praias de Porto Covo (do concelho de Sines), Milfontes, Zambujeira e mesmo Almogrove e Odeceixe convertiam-se em estâncias da moda, frequentadas por portugueses e estrangeiros (principalmente do Centro e do Norte da Europa), aqueles acabando por ganhar expressão numérica largamente dominante. Derramando-se pelos areais das praias de Milfontes, do Almogrove e da Zambujeira, o fluxo de turistas engrossou de ano para ano e, na sua esteira, convergiram novos moradores. Toda esta faixa de costa se tornou apetecido bem de consumo e cenário de outra territorialidade. A antiga actividade agrícola, por exemplo, cedeu, nalguns casos de forma avassaladora, a nova apropriação do espaço ligada às actividades turísticas (particularmente à ocupação de carácter urbano).¹⁶³

¹⁶⁰ Foram ainda feitos os levantamentos topográficos, onde trabalharam dois jovens de Milfontes, ganhando a boa diária de 50\$00. Agradeço a informação a Carlos Alberto da Silva Mendes, um desses jovens.

¹⁶¹ Esta tinha sido inaugurada em 1955, e considerada então praticamente fora da vila.

¹⁶² AHJFM, *Planta Topográfica para o Bairro do Montinho em Vila Nova de Milfontes Concelho de Odemira Distrito de Beja*.

¹⁶³ Ver o que aconteceu à rede de “cercas” que rodeava a vila de Milfontes. Isso não impede a ocorrência, como antes se referiu, de uma nova apropriação agrícola do solo (regadio do Mira).

**O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes**

Progressivamente, afluíu o dinheiro, multiplicou-se e diversificou-se a oferta comercial e de serviços, deu-se autêntica explosão da construção urbana, a sociedade local transfigurou-se. E, naturalmente, emergiram novos problemas. Directa ou indirectamente, de uma forma ou de outra, o fenómeno toca toda a população das áreas onde ocorre e faz sentir os efeitos em zonas limítrofes. O turismo, apesar da sazonalidade, torna-se, localmente, motor da economia e das mudanças e factor capital na conformação dos padrões de vida.

Vila Nova de Milfontes, Primavera de 2002

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

Fotos e Ilustrações



1 Estampa do início do século XIX. Trata-se de uma “vista” do estuário do Mira e da vila, o primeiro “postal ilustrado” feito deste ponto de vista.



2 Praia das Furnas, 1913. Fatos de banho de tecidos grossos (flanela, lã), para não moldar o corpo. E as bainhas tinham muitas vezes pesos de chumbo para não inflar (inf. de Maria Clara Afonso). Não se nadava; era uma imersão, às vezes rápida, sufocante, reactiva, numa água cuja temperatura, embora em geral um pouco superior à das praias do Norte, não se podia comparar com a cálida água algarvia. Os “banheiros”, práticos locais que conheciam os sítios apropriados (na foto ao centro), levavam os banhistas pela mão, e davam aterrorizadores mergulhos às crianças. Todas as famílias notáveis contratavam um banheiro, figura indispensável no banho de antanho. A descrição do banho da jovem Amélia, na praia de Vieira de Leiria, em *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, ajusta-se a esta imagem; e podemos “ouvir” vozes que perguntam a uma jovem que sai, arfante e risonha, da água de uma praia alentejana: “Então que tal, que tal? Mais fresquinha, hem?”

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



3 No princípio do século XX, a ida para a praia era de manhã, bem cedo. O regresso fazia-se antes das 11 horas, sob guarda-sol para protecção da cútis, pois queimada do sol era a pele da gente do povo. A moda da tez morena, que comprovava a frequência da praia e era sinal dos seus benefícios, é mais recente. Anos depois, o creme *Bronzoline* prometia um bronzeado “evocador das belezas orientais”.



4 A indumentária identificava os grupos sociais, mas a prática balnear era semelhante. O guarda-sol é substituído por xailes e lenços nas mulheres e por capas e chapeirões nas crianças.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



5 Família no banho, por volta de 1913.



6 Banho de mar na Praia das Furnas. Foto do início do século XX



7 Barraca para mudança da roupa, na praia das Furnas, em 1913.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



8 Na primeira metade dos anos 60, o medo da Franquia comportava quase toda a frequência balnear. Apenas alguns se dirigiam alternativamente às praias das Furnas, do Farol ou do Carreiro da Fazenda (também dita praia da Costa ou do Norte). As praias de Malhão e Aivados estavam ainda entregues a gaivotas e maçaricos.



9 Anos 30. No meio local, os banhistas eram um grupo restrito, bem identificado e identificável, ainda que nele existissem alguns diferentes círculos de sociabilidade. Na foto, banhistas despedem-se de um deles que embarca para Odemira, no “cais” da Ti’ Constança (antiga praia da barca da passagem). Até aos anos 50, a forma mais fácil de viajar entre Odemira e Milfontes era de barco, pelo rio.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



10 Anos 30. A Barbacã (também designada por Passeio).



11 No Rossio, logradouro público de antiga “vocação” rural, havia um poço de beber para animais (aqui de bocal tapado com paus), e realizavam-se touradas. No início do século XX, já se tinha integrado no perímetro da vila. Mais tarde, nos anos 40, para este largo se deslocaram funções mais “urbanas”.

**O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes**



12 Em finais dos anos 30, a nova estrada em macadame Milfontes-Cercal facilitou o acesso do automóvel a Milfontes (na Barbacã).

1 DE JUNHO DE 1952!

Promovidos pela **Junta de Freguesia de**
VILA NOVA
DE
MILFONTES
REALIZAM-SE

Grandiosos Festejos para inauguração do
Abastecimento de água — à população de —
Vila Nova de Milfontes

PROGRAMA:

Pelas 11 horas: — Chegada da **BANDA SOCIEDADE MUSICAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO ALJUSTRELENSE**, que percorrerá as principais ruas desta vila, executando vários números do seu repertório musical!

Pelas 15 horas: — Recepção às **Autoridades Distritais e Concelhias**, e seguidamente inauguração do abastecimento de águas.

Pelas 16 horas: — Sessão solene comemorativa do citado melhoramento, em que usarão da palavra diversos oradores.

Em seguida a mesma Banda voltará a percorrer as ruas desta vila executando números do seu vasto e variado repertório.

Pelas 19.30 horas — Despedida das autoridades convidadas para a inauguração

Por isso não falteis no dia 1 de Junho à inauguração de tão importante melhoramento!

A Junta de Freguesia

Gráfica Edémilrens - 14-9-32 1100 vs.

13 Prospecto que anunciava os festejos da inauguração do abastecimento da água, em 1952.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



14 Milfontes entrou para a história da aviação porque Brito Pais, de família abastada do interior do concelho, aqui tinha casa de vilegiatura. Na foto, a Barbacã no dia do lançamento da primeira pedra de um monumento evocador da viagem aérea Portugal-Macau (1924).



15 Foto aérea de Vila Nova de Milfontes (finais dos anos 40)

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



16 Regata realizada em Milfontes, em 24 de Setembro de 1908, com os cavalheiros trajados em conformidade. O terceiro, a contar da esquerda, é o jovem José de Almada Negreiros, com ascendência milfontense, que mais tarde seria famoso. Segundo a respectiva legenda (que tem pequenos erros), de pé, da esquerda para a direita: Joaquim da Silva Brito Paes, José Fernandes de Azevedo, José de Almada Negreiros, António de Almada Negreiros, Manuel Guerreiro Águas e António Figueiredo Barbosa. As crianças são: Abel Falcão Ribeiro e Rui Falcão Ribeiro. As senhoras, da esquerda para a direita: Maria Júlia Paes Falcão, Áurea Prado Falcão, Alice Prado Falcão, Maria de Jesus Águas, Maria Amélia Águas e Maria do Céu Paes Falcão.



16-1 Jovem José de Almada Negreiros. Detalhe ampliado.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



17 Na Rua da Igreja (depois Rua Diário de Notícias), uma antiga loja aviava há muito os seus fregueses. Pertenceu sucessivamente a Henrique da Silva, Vitor Vicente Silva e Vitor Vicente Marques. Inicialmente identificadas pelos nomes dos seus proprietários, as lojas receberam a certa altura nomes apelativos como "Centro Comercial" ou "Pérola do Comércio", numa primeira forma de promoção comercial.



18 "Centro Comercial" já numa fase posterior.

**O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes**



19 Rossio (vista parcial). Anos 50. Visíveis as bancas para venda de hortícolas.



20 Milfontes. Vista de oeste. Início do século XX.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



21 Milfontes. Vista de sueste. Início do século XX.



22 Criançada no banho no rio Mira, em Odemira. Princípios do século XX

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



23 Rossio (parcial). Anos 60



24 Barbacã. Anos 60. O murete, com entrada, que isola a parte arborizada é de construção relativamente recente, e destinou-se a impedir o acesso automóvel ao local. As casas, de 1.º andar, à esquerda, eram respectivamente de D. Maria Engrácia Guerreiro (depois do cmdt. Joaquim Cabeçadas Silva Reis) e de César Miranda.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes

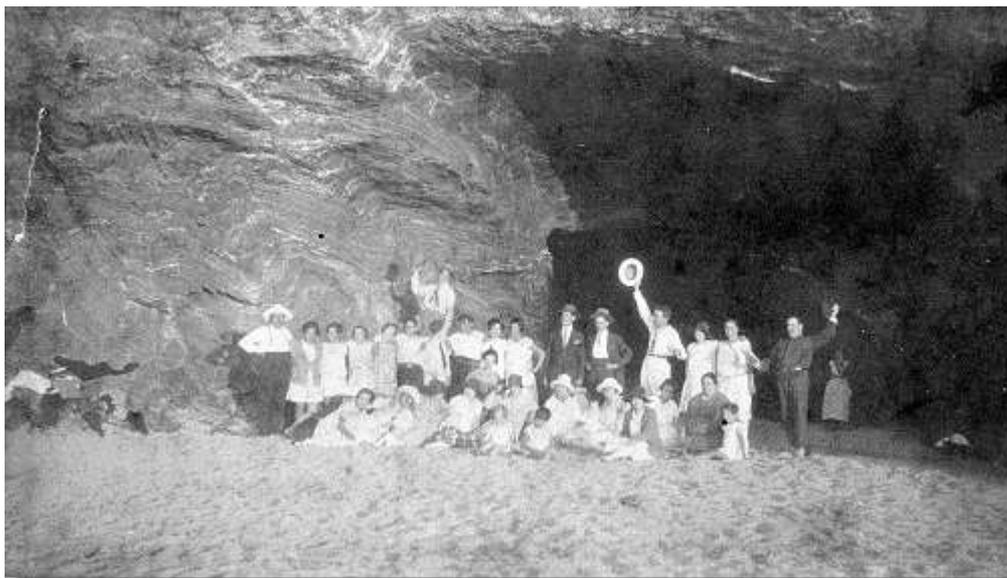


25 Grupo de banhistas no pátio da casa de César Miranda. Fins dos anos 20.



26 Largo da Igreja, visto de sul. Anos 50.

O turismo no litoral alentejano – do início aos anos 60 do século XX.
O Exemplo de Milfontes



27 Grupo na praia das Furnas. (fins dos anos 20?)

Origem das ilustrações

1 GEORGE LANDMANN, *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal*, II vol. (*Military and Picturesque Observations on Portugal*), Londres, T. Cadell and W. Davies, 1818, entre pp. 144 e 145.

Capa, 2, 3, 5 e 7 *Ilustração Portuguesa*, II série, n.º 404, 17 de Novembro de 1913, pp. 586 e 587.

4 ÁUREA PAES FALCÃO, *Pequena Monografia do Concelho de Odemira*, 1943, dactilografado, inédito (cópia cedida por Raul Almeida), p. 38, foto Penha de Almeida.

8 Postal cedido por D. Rosária de Jesus.

9, 10 e 12 Cedidas por D. Augusta Baptista Brás.

13 Cedida por José Maria dos Santos.

14 Do Arquivo Fotográfico do *Diário de Notícias*.

15 Cedida por Comandante Joaquim Cabeçadas Silva Reis.

6 e 11 Origem desconhecida (cópias do arquivo pessoal do autor).

16 Cedida pelo arq.º Luís Soveral Varela.

17 e 18 Cedidas por Sérgio da Silva Marques

19 e 26 Cedidas por Joaquim Patrício Craveira

20 Postal ilustrado da colecção do autor

21e 24 Postais ilustrados cedidos por Joaquim Antero

22 Cedida por D. Maria da Piedade Barros e Silva

23 Cedida por D. Idália Maria da Costa José

25 e 27 Cedidas pelo Dr. João Batista Brás